



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

TAYNAN CÂMARA DO NASCIMENTO

**UMA PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA:
O GÊNERO NOTÍCIA NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO**

JOÃO PESSOA - PB

2017

TAYNAN CÂMARA DO NASCIMENTO

**UMA PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA:
O GÊNERO NOTÍCIA NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

ORIENTADORA:

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Benício de Melo

JOÃO PESSOA - PB

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA)

Nascimento, Taynan Câmara do .

Uma prática de leitura e escrita: o gênero notícia na sala de aula do ensino médio / Taynan Câmara do Nascimento. - João Pessoa, 2017.

74 f.:il.

Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria de Fátima Benício de Melo.

1. Gênero textual. 2. Gêneros escolares. 3. Sequência didática. I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 37:070

**UMA PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA:
O GÊNERO NOTÍCIA NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da Aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Benício de Melo
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Maria das Graças Carvalho Ribeiro (CCHLA/DLCV/UFPB)
(Examinadora)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina de Assis (CCHLA/DLCV/UFPB)
(Examinadora)

Prof^ª. Dr^ª. Eneida de Oliveira Martins (CCHLA/DLCV/UFPB)
(Suplente)

Agradeço a Deus, por tudo o que tem me proporcionado.

Dedico a minha mãe, Elenilda de Arruda Câmara, e a meu marido, Jacion Jonas de Melo Silva, por serem meus exemplos aqui na terra, por estarem sempre ao meu lado, por todo o conhecimento, apoio e atenção.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que tem me fortalecido, com a sua misericórdia e amor, para que eu chegasse até aqui.

À minha mãe, Elenilda de Arruda Câmara, e a minha avó, Severina Maria Dias, que nunca me abandonaram, por todo o amor e carinho durante a minha caminhada.

Ao meu companheiro Jacion Jonas de Melo Silva, por ter me incentivado na busca da formação superior e na realização dos nossos sonhos e por me escolher para ser sua companheira diária e mãe de nossa pequena Ana Ellen Câmara Silva.

À minha irmã Glaucia Waléria, pelas vezes em que ficou com minha filha, com todo o amor e carinho, para que eu escrevesse esta monografia.

À minha Orientadora, Prof^a Maria de Fátima Benício de Melo, a quem devo o início e o fim deste trabalho, pelo seu estímulo, sua paciência, conhecimento e atenção mediante as orientações.

Às Professoras Graça Carvalho Ribeiro e Maria Cristina de Assis, pelos seus ensinamentos durante a minha atuação como bolsista do PIBID e por aceitarem fazer parte da banca examinadora deste trabalho.

Ao PIBID/CAPES (Subprojeto Letras-Português), pela oportunidade de atuar no Ensino Fundamental II e nas séries finais.

À Professora de Língua Portuguesa Ana Coelho, pelo espaço cedido em suas aulas para a coleta do *corpus* para esta monografia.

A todos os meus amigos e companheiros de curso, em especial Ismânia Vitorino, pela sua amizade que transcende os muros da UFPB.

Enfim, a todos os professores e amigos que contribuíram para minha formação no decorrer deste curso. Em especial Edneuzza Albino, Cleisandra Ataíde, Silvônica Marques, Uiara Telma, Amanda Sabino, Mirian Pedro, Márcia França, pelo estímulo.

“O bom professor não nasce feito. A vocação é até importante, mas é no decorrer de sua carreira que esse profissional vai se formando, de acordo com as experiências obtidas ao longo de sua vida”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Neste trabalho, temos como principal objetivo relatar uma experiência do trabalho com jornal na sala de aula, propondo o contato com o Jornal da Paraíba, por meio de atividades voltadas para a prática de leitura e escrita de notícia impressa. A presente pesquisa busca analisar 08 (oito) produções textuais, evidenciando o domínio do gênero por meio das atividades de leitura e de escrita. O trabalho com jornal teve como propósito: a) analisar as características dos jornais impressos; b) explorar cadernos e seções do jornal, identificando assuntos noticiados; c) reconhecer a função social de cada notícia estudada; d) conhecer a estrutura composicional do gênero notícia e e) produzir notícias em sala de aula, desenvolvendo, assim, as competências leitora e escritora. Para isso, desenvolvemos atividades no 1º ano do ensino médio na E.E.E.F.M. Professor Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity, resultantes da participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal da Paraíba. O interesse por este trabalho surgiu mediante a falta de interesse dos alunos em ler o Jornal da Paraíba, e pela falta de estímulo para a leitura e escrita de textos nas aulas de Língua Portuguesa. Utilizamos como base teórica os seguintes autores: Bakhtin (1997), Lage (2001, 2011), Alves Filho (2011), Franceschini (2004), Caregnatto e Costa-Hübes (2009), Lara (2011), Benassi (2007), Medina (2001), PCNEM (2000), RCNEM-PB (2007), PCN (1998), OCEM's (2006), Lopes-Rossi (2002) e Marcushi (2002). Baseando-nos no método da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), partimos de uma produção, leituras de notícias, no Jornal da Paraíba, e solicitamos outra produção textual. Consideramos esse trabalho de grande relevância, uma vez que proporciona aos discentes a competência leitora, a autonomia na escrita e o conhecimento de um gênero familiar no meio social.

Palavras-chave: Gênero textual. Gêneros escolares. Notícia impressa. Sequência didática.

ABSTRACT

In this work, we have as main objective to report an experience of working with newspaper in the classroom, proposing the contact with the *Jornal da Paraíba*, through activities aimed at the practice of reading and writing printed news. The present research seeks to analyze 8 textual productions, evidencing the mastery of the genre through reading and writing activities. The purpose of the paper work was to: a) analyze the characteristics of printed newspapers; b) explore notebooks and sections of the newspaper, identifying news items; c) recognize the social function of each news item studied; d) to know the compositional structure of the news genre and e) to produce news in the classroom, thus developing the reading and writing skills. For this, we developed activities in the 1st year of high school in E.E.E.F.M. Professor Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity, resulting from the participation of the Institutional Program of the Initiation to Teaching Grant (PIBID) of the licentiate course in Portuguese Letters of the Federal University of Paraíba. The interest in this work was due to the lack of interest in reading the *Jornal da Paraíba* and the lack of encouragement to read and write texts in Portuguese language classes. We used as theoretical basis the following authors: Bakhtin (1997), Lage (2001, 2011), Alves Filho (2011), Franceschini (2004), Caregnatto and Costa-Hübes (2009), Lara (2011), Benassi Medina (2001), PCNEM (2000), RCNEM-PB (2007), PCN (1998), OCEM's (2006), Lopes-Rossi (2002) and Marcushi (2002). Based on the method of the didactic sequence of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), we start from a production, news reads, in the *Jornal da Paraíba*, and we request another textual production. We consider this work of great relevance, since it provides students with reading competence, autonomy in writing and the knowledge of a familiar genre in the social environment.

Keywords: Textual genre. School genres. News printed. Following teaching.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
2. GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO	13
2.1 Parâmetros para o ensino com gêneros textuais	16
2.2 Gêneros escolares: a seleção de gêneros discursivos para a prática pedagógica	20
2.3 Gêneros jornalísticos	23
2.3.1 A notícia impressa	25
2.4 Sequência Didática	31
3. FORMAÇÃO DOCENTE.....	34
3.1 O PIBID: desafios e contribuições	34
4. METODOLOGIA	42
4.1 Problemas detectados na escola	42
4.2 Apresentação da Sequência didática	43
4.3 Descrição da aplicação da sequência didática	45
5. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
ANEXOS	70

INTRODUÇÃO

Os alunos do Ensino Médio ainda sentem muitas dificuldades de interpretação e produção textual nas aulas de Língua Portuguesa apesar de muitos professores terem acesso a metodologias inovadoras, que focalizam o trabalho com a leitura e a escrita. Os educandos não têm demonstrado muito interesse quanto à leitura e produção textual, até mesmo porque a aula de Língua Portuguesa tende a ser ministrada com base em regras, nomenclaturas e com as subdivisões: leitura, redação e gramática desmembradas, como se fossem disciplinas específicas e estanques, isto é, encerradas em si mesmas. Tal fato talvez justifique as dificuldades sentidas pelos alunos no momento de escrever um texto, por mais simples que seja o gênero solicitado. É necessário que o professor de Língua Portuguesa leve à sala de aula propostas motivadoras que envolvam a leitura e a escrita e esteja consciente de que o gênero textual faz parte do cotidiano de todos e que dominá-lo, de acordo com a sua função discursiva, é importante. Há, portanto, uma necessidade de o docente trabalhar com gêneros diversificados que favoreçam o conhecimento dos alunos, bem como a leitura de jornais que estão em circulação na escola.

No caso da vivência da bolsista do Programa institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Subprojeto PIBID Letras-Português), notamos que, apesar de a escola receber jornais semanalmente, foi observado que muitos dos alunos não tinham essa informação e os que sabiam não tinham interesse em lê-los. Os professores leem na sala de professores e não favorecem o uso em sala de aula, evitando, assim, uma leitura e análise do jornal pelos discentes, talvez por comodismo ou por não saberem como lidar com o jornal, considerando-o um aliado no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

O presente trabalho tem como objetivo central relatar uma experiência advinda do trabalho com jornal na sala de aula, preparando os alunos para conhecer melhor o gênero notícia, promovendo uma sequência de atividades voltadas para o ensino da leitura e da escrita, permitindo a formação do discente como autor autônomo e proficiente, de modo a identificar o conhecimento dos alunos sobre o gênero notícia, levando-os a analisar as características dos jornais impressos, explorar cadernos e seções do jornal, identificando assuntos noticiados, reconhecendo a função social de

cada notícia estudada, bem como a estrutura composicional do gênero notícia e produzindo notícias em sala de aula.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM, 2000), “a situação formal da fala/escrita na sala de aula deve servir para o exercício da fala/escrita na vida social”. Portanto, o professor de Língua Portuguesa deve desenvolver ações de leitura e escrita, de maneira que o aluno venha a possuir domínio comunicativo dentro e fora da sala de aula. E mesmo que os alunos apresentem grandes problemas com a escrita desde o Ensino Fundamental, diagnosticar o que eles já sabem é de suma importância para desenvolver atividades que os levem a um conhecimento amplo, tendo como base a comunicação. É no ato comunicativo que a linguagem verbal desempenha a sua funcionalidade. Os PCNEM's também orientam o quanto os gêneros discursivos são flexíveis e ressaltam a função social da língua. Assim, por serem variáveis, é necessário estudar profundamente um gênero, priorizando-o, antes de passar para outro.

Em consonância com esses documentos que regem o ensino de Língua Portuguesa com o texto sendo objeto de estudo, foi escolhido um gênero textual da esfera jornalística. Uma vez que os gêneros jornalísticos estão presentes no cotidiano sem maiores problemas de circulação, de conhecimento e de competência discursiva.

Escolhemos o gênero notícia para desenvolver as competências de leitura e escrita dos educandos, explorando os conhecimentos dos alunos sobre o gênero e favorecendo o desenvolvimento da capacidade discursiva do educando, ampliando a competência do uso da língua por meio de um gênero. Desenvolvemos ações de leitura, análise e escrita do gênero notícia. Elegemos esse gênero para estimular os alunos ao manuseio, leitura e análise do jornal impresso.

Os alunos falam constantemente sobre alguma notícia, transmitem ou recebem, quer tenham ouvido os amigos falarem quer tenham ouvido ou visto em algum programa televisivo, e muitas vezes, nem distinguem que é uma notícia. Diante disso, este trabalho levanta a seguinte questão: por que não favorece os alunos do 1º ano do Ensino Médio a lerem e produzirem notícias? Por que não trabalhar com o jornal impresso que está em circulação na escola? Sendo assim, o trabalho com esse gênero aproximará os discentes de um suporte rico em gêneros textuais, tendo em vista que eles são capazes de identificar a linguagem característica de uma notícia, tornando-os leitores e escritores autônomos. Utilizamos o modelo de sequência didática

desenvolvido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), descrito no livro *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*.

Este trabalho foi desenvolvido a partir da participação de sua autora como bolsista do Subprojeto PIBID Letras-Português da UFPB, por meio de observações e intervenções nas aulas de Língua Portuguesa. Elaboramos e aplicamos uma sequência didática que envolvia a leitura, interpretação textual e escrita, no 1º ano do ensino médio (turno manhã), na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity, localizada no bairro Tambiá, em João Pessoa – PB (cf. ANEXO I, p. 71).

A *priori*, objetivamos que os alunos escrevessem uma notícia a partir de um acontecimento no bairro deles, de modo que os educandos aprendessem a dominar o gênero e desenvolvessem capacidades que ultrapassassem o gênero, reconhecendo a função social de seu texto.

Para fundamentar nosso trabalho, utilizamos as teorias de Lage (2001, 2011), Alves Filho (2011), Franceschini (2004), Caregnatto e Costa-Hübes (2009), os artigos de Lara (2011), Benassi (2007), Medina (2001), os documentos oficiais PCNEM (2000), RCNEM-PB (2007), PCN (1998), OCEM's (2006), os Gêneros textuais Bakhtin (1997), Lopes-Rossi (2002), Marcushi (2002) e Schneuwly e Dolz (2004), e a sequência didática desenvolvida em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

As partes que envolvem este trabalho são as seguintes: subsequentemente ao capítulo introdutório, no capítulo dois, destacamos na fundamentação teórica: gêneros textuais; abordamos a visão dos documentos oficiais sobre gêneros discursivos; apontamos alguns estudos acerca do processo de leitura e escrita, assim como algumas reflexões sobre o trabalho com gêneros jornalísticos, dando ênfase ao gênero *notícia impressa*. No capítulo três, apresentamos o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID – Subprojeto Letras/Língua Portuguesa) e os seus desafios e contribuições na formação do futuro docente, bem como suas propostas voltadas para práticas de leitura e escrita na escola. No capítulo quatro, caracterizamos a escola, relatamos os problemas detectados e expomos a metodologia utilizada, descrevendo o passo a passo da sequência didática, assim como seu desenvolvimento. No capítulo cinco, são analisados os dados obtidos na realização da sequência e os resultados alcançados nesse processo. No capítulo seis, apresentamos as considerações finais, nas

quais observamos se conseguimos responder aos nossos questionamentos lançados nessa pesquisa e se os objetivos pretendidos foram alcançados.

2. GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO

De acordo com Bakhtin (1997), todo ser humano utiliza-se da língua para se comunicar, e essa comunicação efetua-se através de enunciados, seja ela verbal ou oral. Os enunciados relativamente estáveis utilizados pelos falantes, nas mais variadas situações comunicativas, denominam-se gêneros do discurso, também conhecidos como gêneros textuais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) afirmam que os gêneros textuais são determinados a partir das intenções comunicativas, uma vez que a produção do discurso é realizada no uso social e, portanto, são constituídos pelas formas estáveis dos enunciados que estão disponíveis na cultura. Três elementos caracterizam os gêneros, a saber:

- **Conteúdo temático:** o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- **Construção composicional:** estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- **Estilo:** configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc. (BRASIL, 1998, p.21)

Os gêneros textuais estão presentes no cotidiano das pessoas como algo inerente aos seres humanos. E como tal, são mutáveis, variáveis e se desdobram surgindo novos gêneros a partir dos já existentes. São organizados para facilitar a comunicação e, por isso, não se limitam à forma e nem se caracterizam por ela. Como salienta Marcuschi (2002, p.21), os gêneros se caracterizam por “aspectos sócio-comunicativos e funcionais”, ou seja, tanto os aspectos funcionais como formais determinam o gênero em situações diferentes. Além disso, o suporte também pode vir a determiná-lo.

Ainda de acordo com Bakhtin (1997), não podemos definir a quantidade de gêneros existentes, devido à sua diversidade, até mesmo porque através de um pode

surgir outro gênero, dependendo da linguagem, da finalidade e do meio no uso das práticas sociais, pois:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Um gênero se torna complexo quando os discursos originam novos gêneros em um mesmo momento discursivo. Acontece isso quando um discurso muda a sua finalidade e seu texto passa a adequar-se a outro gênero textual. Isso ocorre, por exemplo, quando alguém está dando uma notícia e comenta a notícia com uma opinião ou uma fofoca sobre o assunto.

Os PCN's (BRASIL, 1998, p. 54 e 57) apresentam listas de gêneros textuais para as práticas de escuta e leitura e de produção de textos orais e escritos, considerados privilegiados. São eles:

- ❖ **Literários:** cordel, causos e similares, texto dramático, canção, conto, novela, romance, crônica e poema.
- ❖ **De imprensa:** notícia, entrevista, debate, depoimento, artigo, carta do leitor, charge e tira.
- ❖ **De divulgação científica:** exposição, seminário, debate, relatório de experiência, esquema, resumo, verbete de enciclopédia, artigo e palestra.
- ❖ **Publicidade:** propaganda.

Como podemos ver, cabe ao professor a tarefa de selecionar os textos mais frequentes. A lista supracitada traz textos familiares aos alunos que podem (e devem) ser explorados em sala de aula.

Conforme Bakhtin (1997), os gêneros textuais são divididos em gêneros primários e gêneros secundários. Esse filósofo da linguagem ressalta a importância de analisá-los quanto à diferença e à definição, uma vez que, analisando a distinção desses gêneros, é possível definir a natureza do enunciado e compreender os aspectos essenciais. Os gêneros primários do discurso são os considerados simples e os gêneros

secundários do discurso são os considerados complexos. Além disso, os gêneros secundários são formados a partir da fusão com os gêneros primários. Vejamos:

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (BAKHTIN, 1997, p. 281).

No que ainda caracteriza os gêneros, Marcuschi (2002) afirma que um mesmo texto pode não pertencer a um mesmo gênero, a partir do momento em que textos iguais sejam expostos em suportes diferentes. Ou seja, dois textos iguais expostos em suportes diferentes não são classificados como um mesmo gênero. Nessa mesma linha de pensamento, Alves Filho (2011, p. 23) ressalta que “os textos podem funcionar em gêneros diferentes, dependendo dos propósitos comunicativos e dos contextos em que foram utilizados”.

Marcuschi (2002, p. 22-23) destaca a importância em diferenciar tipos textuais de gêneros textuais. Segundo ele, essa diferença é fundamental para as atividades de produção e compreensão dos textos trabalhados. Vejamos:

- a) Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de construção teórica definida pela *natureza linguística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.
- b) Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros.

Ainda segundo Marcuschi (2002), em muitos livros didáticos e para algumas pessoas, a definição de um texto como tipo textual está equivocada. Em outras palavras, algumas pessoas confundem tipos textuais com gêneros textuais. Embora os tipos textuais estejam sendo realizados em todos os gêneros e, assim como um mesmo texto pode se tornar um gênero diferente, se exposto em suportes diferentes, situação comunicativa diferente, e um gênero pode ter vários tipos textuais, não se pode confundi-los.

A seguir, iremos abordar o que rezam os documentos oficiais sobre o ensino com os gêneros textuais.

2.1 Parâmetros para o ensino com gêneros textuais

Alguns professores de Língua Portuguesa no Ensino Médio, por não saberem como desenvolver atividades que envolvam gêneros textuais, permanecem na mesmice de trabalhar as nomenclaturas, classificações e definições linguísticas. Tal prática torna os alunos insatisfeitos com as aulas de Língua Portuguesa e desinteressados com as atividades, ficando dispersos por longos e chatos 45 minutos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000, p. 16), “o estudo gramatical aparece nos planos curriculares de Português, desde as séries iniciais, sem que os alunos, até as séries finais do Ensino Médio, dominem a nomenclatura”, o que torna muitos educandos com sentimentos de incapacidade e fadados ao fracasso escolar. Alguns educadores esquecem que os educandos pensam, agem e interagem uns com os outros e que precisam ser valorizados e estimulados ao ensino e aprendizagem da língua, sobretudo no desenvolvimento das habilidades de ler e escrever textos, de forma competente e consciente. Sendo assim,

não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto (BRASIL, 1998, p. 23)

Só através do texto é possível desenvolver as competências discursivas, uma vez que é na interlocução oral e escrita que o indivíduo demonstra a sua competência linguística. Portanto, é preciso que o professor tenha o conhecimento da importância de levar para a sala de aula textos reais de conversação para os alunos desenvolverem essas competências. Conseqüentemente,

o professor deve preocupar-se com a diversidade das práticas de recepção dos textos: não se lê uma notícia da mesma forma que se consulta um dicionário; não se lê um romance da mesma forma que se estuda. Boa parte dos materiais didáticos disponíveis no mercado, ainda que venham incluindo textos de diversos gêneros, ignoram a diversidade e submetem todos os textos a um tratamento uniforme (BRASIL, 1998, p.70).

Preocupar-se em apenas trabalhar textos diversos, sem a menor preocupação de discutir as variáveis existentes no formato, funcionalidade e suporte de nada adianta. É mero trabalho de ler e escrever, sem levar em consideração o locutor e o interlocutor do discurso presente nos textos.

Ainda segundo os PCN's (1998, p.22-23), os professores têm a obrigação de fazer um planejamento voltado às competências de ação e reflexão do aluno, garantindo que o educando tenha as suas necessidades educativas supridas e permitindo que a sua aprendizagem seja efetiva, tendo em vista que se a educação está comprometida com o exercício da cidadania, cria condições para que os alunos desenvolvam as suas competências discursivas.

Portanto:

Na perspectiva de uma didática voltada para a produção e interpretação de textos, a atividade metalingüística deve ser instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da língua que o professor seleciona e ordena no curso do ensino-aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 28).

Então, não se deve fazer do estudo da gramática o alvo principal de ensino/aprendizagem, mas, sim, usá-lo como ferramenta de apoio aos estudos do discurso; do texto oral e escrito dos educandos e/ou do que os professores devem levar para a sala de aula. Os professores deveriam propiciar um espaço onde os alunos verbalizem a representação social e cultural, para a sistematização da identidade (BRASIL, 2000, p.20). Além disso:

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral (BRASIL, 2000, p.18).

Corroborando o que afirma os PCNEM's, as OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) orientam que

(...) as ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem (OCEM, 2006, p.18).

O estudo da língua e da linguagem não pode ser desvinculada do texto, e é por causa da divisão do ensino da língua em gramática, redação e análise linguística (os que ainda ensinam redação e análise), que muitos alunos do ensino médio concluem os estudos básicos sem saber interpretar um texto. Como consequência disso, geram-se, muitos analfabetos funcionais aprovados por professores de Língua Portuguesa, mesmo eles sabendo interagir com os outros colegas, familiares, construindo e desenvolvendo discursos.

Conforme os PCNEM's (2000, p.17), “o diagnóstico sensato daquilo que o aluno sabe e do que não sabe deverá ser o princípio das ações. Entretanto, as finalidades devem visar a um saber linguístico amplo, tendo a comunicação como base das ações”. Toda ação humana gera texto e o texto faz parte da comunicação social. Sendo assim, os alunos se comunicam e produzem textos e, como tal, devem ser considerados como produtores de textos capazes de serem entendidos.

É papel da escola desenvolver as competências discursivas do aluno, garantir a ele as diversas formas de usar a linguagem no espaço escolar, para que possa, fora dele, conversar igualmente com outra pessoa, visto que

(...) se é pelas atividades de linguagem que o homem se constitui sujeito, só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo. Pode-se ainda dizer que, por meio das atividades de compreensão e produção de textos, o sujeito desenvolve uma relação íntima com a leitura – escrita -, fala

de si mesmo e do mundo que o rodeia, o que viabiliza nova significação para seus processos subjetivos (OCEM, 2006, p.24).

Vale ressaltar a importância do trabalho com os gêneros discursivos, sobretudo porque eles possibilitam aos educandos se apropriarem, com eficácia, da língua como instrumento de aprendizagem, tendo em vista que “os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua” (PCNEM, 2000, p.21).

O Referencial Curricular de Língua Portuguesa para o Ensino Médio do Estado da Paraíba (RCNEM-PB) ressalta que é tarefa da escola o trabalho de educação linguística, que vem a consistir na promoção de situações de aprendizagem ao educando, favorecendo o domínio ativo, crítico e contextualizado dos diversos gêneros, além de desenvolver atitudes de respeito para evitar rejeição, preconceito e exclusão social.

Para isso, são necessárias ações de ensino e aprendizagem, centradas no texto oral e escrito – produzido nas várias esferas sociais, bem como aquele produzido pelo próprio educando – como objeto de transformação de saberes linguísticos, textuais e enunciativos, que são as diferentes dimensões envolvidas na atualização de determinado gênero (RCNEM-PB, 2007, p.23).

O RCNEM – PB também traz orientações para os professores de Língua Portuguesa quanto ao ensino com gêneros textuais, deixando claro que o aluno deve ter contato com diversos gêneros textuais para poder produzir um texto e que esse texto não seja único para qualquer gênero. Os gêneros são organizados de maneira diversificada e que, portanto, possuem objetivos a serem alcançados, destinatários, suporte e esfera de circulação diferenciados. O documento orienta que os professores providenciem situações reais de comunicação, sempre que possível, através de um bom planejamento.

Na tentativa de fortalecer o estudo com os gêneros, os PCN's (1998, p. 24) afirmam que o professor não deve trabalhar apenas com um modelo de gênero, porque a compreensão e a produção oral e escrita dos diversos gêneros textuais desenvolvem as diversas capacidades do aluno.

Na próxima seção, trataremos dos gêneros textuais mais frequentes no espaço escolar e a importância deles em uma prática pedagógica adequada ao ensino.

2.2 Gêneros escolares: a seleção de gêneros discursivos para a prática pedagógica

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 21), toda atividade discursiva não acontece aleatoriamente. A escolha de um gênero se dá a partir das intenções do locutor e da finalidade, do conhecimento que ele tem do interlocutor e da certeza de que o outro interage de acordo com suas intenções discursivas. Mesmo que seja inconsciente e de forma não deliberada, o discurso se enquadra em um gênero adequado à situação comunicativa.

Os PCN's (1998, p. 53) também destacam que “a grande diversidade de gêneros, praticamente ilimitada, impede que a escola trate todos eles como objeto de ensino; assim, uma seleção é necessária”, ou seja, pelo fato de os gêneros textuais serem muitos, é preciso escolher aqueles que estejam em circulação, que mereçam um estudo mais aprofundado, priorizando

os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1998, p.24).

Lopes-Rossi (2002), em consonância com o que rezam os PCN's (1998), afirma que devem-se estudar, também, os diversos suportes com os quais os diversos textos selecionados utilizam nas práticas sociais.

Na perspectiva de ensino atual, no entanto, devemos considerar como parte da organização textual não apenas o texto verbal, mas também todos os elementos não-verbais que compõem os gêneros discursivos. Deve-se ter sempre em mente que os aspectos gráficos e não-verbais característicos de cada gênero são social, histórica e culturalmente determinados (LOPES-ROSSI, 2002, p. 27-28).

Não se pode realizar um estudo por meio de falsos discursos, pois a compreensão das especificidades da modalidade escrita, assumida nos diversos gêneros, torna-se mínima. Além disso, mascara a complexidade do discurso, uma vez que o estudo com esse texto não é real (BRASIL, 1998, p.26).

Faz-se necessário apropriar-se de textos reais, pois, através da leitura e produção de textos diversificados, as capacidades discursivas dos educandos serão ampliadas por meio dos textos produzidos por eles, sejam orais ou escritos. Dessa forma:

Cabe ao professor, portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Como? Por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e quanto pertinente, à sua produção escrita e circulação social (LOPES-ROSSI, 2002, p. 30).

São poucos os professores que se preocupam com um ensino voltado ao estudo com gêneros. Dessa forma, mal desenvolvem aulas que favoreçam as capacidades discursivas dos educandos. Há professores que não permitem que o aluno desenvolva em sala de aula conversas paralelas ao que se está estudando, visto que desconsideram o fato de que essas conversas são representações reais de textos que circulam na escola e que, portanto, podem fazer parte da seleção de textos para serem trabalhados nas aulas.

Sabendo que:

A seleção de textos para leitura ou escuta oferece modelos para o aluno construir representações cada vez mais sofisticadas sobre o funcionamento da linguagem (modos de garantir a continuidade temática nos diferentes gêneros, operadores específicos para estabelecer a progressão lógica), articulando-se à prática de produção de textos e à de análise linguística (BRASIL, 1998, p.36).

Os textos acima assinalam que o aluno deve apropriar-se das ferramentas que ampliem a capacidade de ler, escrever, falar e escutar (BRASIL, 1998, p. 37), através do uso da língua nas diversas situações comunicativas. Qualquer discurso desenvolvido pelo educando, dentro ou fora da sala, é texto favorável à aprendizagem.

Muitos são os discursos presentes no espaço escolar, do conhecimento do discente, que fazem parte da capacidade intencional de interagir com o outro. Lopes-Rossi (2002) apresenta uma lista de gêneros discursivos orais e escritos que estão presentes no dia a dia. São eles:

Uma conversa, uma piada, um provérbio, uma entrevista, uma palestra, uma aula, uma apresentação oral de trabalho (defesa de tese, por exemplo), um

interrogatório, um depoimento, uma discussão, um cordel, uma missa, são alguns exemplos de gêneros discursivos orais existentes em nossa sociedade. Carta, requerimento, procuração, notícia, reportagem, relato de pesquisa, crítica de cinema, crítica de música, questão dissertativa de prova, propaganda, bilhete, romance, conto, poema, charge, relatório, receita, lista de compra, cartão de felicitações, nota fiscal, recibo, verbete de dicionário, cheque, *e-mail* são exemplos de gêneros escritos (LOPES-ROSSI, 2002, p. 25).

Considerando a existência de diversos gêneros discursivos, o professor de Língua Portuguesa pode ficar confuso quanto à escolha daqueles gêneros que deverão fazer parte de seu programa de ensino. Lopes-Rossi orienta o professor a escolher o gênero a ser trabalhado, levando em conta os alunos, sua idade, suas habilidades linguísticas, suas necessidades de conhecimento. E para favorecer o crescimento intelectual do educando, deve-se considerar “a ocorrência de eventos que possibilitem a produção de textos e sua circulação dentro e fora da escola” (2002, p. 34).

Após a seleção de um gênero, os professores devem

encontrar novas metodologias para que o aluno sinta-se como parte integrante da língua, como sujeito da palavra e a reconheça como função social e, a partir dela, aperfeiçoe sua escrita tornando-se, de fato, agente em sua interlocução. E, para isso, nada melhor que o trabalho com gêneros textuais, pois é neles que a língua viva se materializa, organizando os enunciados (Caregnatto e Costa-Hübes, 2009, p. 3).

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 78), a escola é um espaço que favorece a comunicação. Qualquer situação escolar proporciona a recepção e a produção de textos, de tal maneira que “produz, forçosamente, gêneros novos, uma forma toda nova de comunicação que produz as formas linguísticas que a possibilitam”. E ainda:

A situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros (Schneuwly e Dolz, 2004, p. 78).

O que favorece o gênero textual é a própria situação de comunicação. A escola não pode negar-se a aprendizagem com os gêneros e muito menos os professores devem se eximir dessa responsabilidade. Se não sabem como trabalhar com gêneros, devem

pesquisar para renovar as práticas pedagógicas, para favorecer seu alunado no desenvolvimento de todas as áreas específicas e essenciais ao ensino e aprendizagem. Para isso, os professores devem favorecer o estudo com textos reais, que sejam frequentes na realidade social e escolar. Em conformidade com os PCN's (1998), temos “notícias, editoriais, cartas argumentativas, artigos de divulgação científica, verbetes enciclopédicos, contos, romances, entre outros” (BRASIL, 1998, p. 26).

Na próxima seção, teceremos considerações sobre os gêneros jornalísticos, como eles estão presentes em sala de aula e a importância de trabalhar com o jornal impresso.

2.3 Gêneros jornalísticos

Os gêneros jornalísticos já fazem parte dos estudos em Língua Portuguesa desde as séries iniciais do Ensino Fundamental. Está presente nos livros didáticos, divididos por capítulos e não abrange a todos, porém os que são mais acessíveis aos alunos, tanto dentro da escola quanto fora dela. Trazem um estudo sistemático de leitura e interpretação textual, além de uma produção.

Se o professor não for além das páginas do livro, os alunos jamais terão total domínio do gênero, impedindo de identificarem, interpretarem e produzirem com autonomia. Assim, ficam presos a uma prática de mera leitura e interpretação de dois únicos textos sobre o mesmo.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 96) propõem:

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversa.

Pensando desse modo, pode-se trabalhar com o jornal impresso, já que é bem acessível a todos os cidadãos, tanto impresso quanto pelos meios sociais e de comunicação. Os gêneros jornalísticos estão presentes no cotidiano das pessoas, de tal forma que se torna difícil questionar sua diversidade de gênero, uma vez que ele veicula quatro grandes grupos de gêneros jornalísticos. São eles:

Informativo, com a preocupação de relatar os fatos de uma forma mais objetiva possível; *interpretativo*, que, além de informar, procura interpretar os fatos; *opinativo*, expressa um ponto de vista a respeito de um fato; *entretenimento*, que são informações que visam à distração dos leitores (MEDINA, 2001, p. 51).

Segundo Medina (2001, p. 50), os gêneros jornalísticos favorecem a leitura do jornal, como também possibilita um diálogo entre o jornal e o leitor, além de servir “para identificar uma determinada intenção, seja de informar, de opinar, de interpretar ou de divertir”.

Apesar de o jornal ser acessível e de seus textos serem lidos por diversas pessoas, independente das diferenças existentes entre elas, há interpretações diferentes para um mesmo texto e, ainda, existem pessoas que leem, mas não entendem. Para evitar leituras inadequadas em sala de aula e dificuldades para produzirem um texto solicitado, Caregnatto e Costa-Hübes (2009) orientam que se faz necessária uma metodologia que viabilize aos educandos “saber denominá-los, reconhecer a função social de cada um, sua temática e sua estrutura composicional são algumas das interpretações necessárias ao trabalho com gêneros da esfera jornalística”.

Segundo Alves Filho (2011), diversas atividades podem ser desenvolvidas com o uso do jornal em sala de aula, sendo que apenas duas são muito importantes: “a divulgação da informação e a expressão de opinião”. E para haver a divulgação da informação e a construção da opinião, os jornalistas, colaboradores e leitores são de suma importância, porque os gêneros presentes no jornal estão associados a eles. “Jornalistas incumbem-se de notícias, reportagens, editoriais e colunas; colaboradores encarregam-se de artigos de opinião. O gênero por excelência de responsabilidade dos leitores é a carta de leitor” (ALVES FILHO, 2011, p. 89).

Na seção seguinte, abordaremos a *notícia impressa*, a sua existência, a função social que ela exerce e a sua composição linguística e estrutural.

2.3.1 A notícia impressa

Quando falamos em notícia, logo pensamos em algo que seja novidade e que é relevante para o conhecimento. Isso porque o gênero notícia é um texto jornalístico que relata um acontecimento real, diário e de certa importância para quem lê ou escuta. Está presente no dia a dia das pessoas, é fácil de encontrá-la e mais ainda de transmiti-la, porque aparece em suportes diversos, como: jornal, televisão, rádio, *facebook*, revistas, sites etc.

Porém, as notícias nem sempre foram fáceis de alcançarem centenas de pessoas e muito menos de países a países. Segundo Lage (2011), na Idade Média, as informações eram transmitidas através de boatos e testemunhos das pessoas que ouviam decretos, sermões, proclamações e exortações, únicas vias de transmissão da notícia. Com a expansão da atividade comercial entre o Oriente e a Europa, começou a circulação da informação juntamente com as mercadorias, o que ocorreu a partir do século XIII.

Com o crescimento da atividade da alfabetização, não era mais necessário que os letrados lessem em voz alta as notícias para os demais cidadãos, pois os banqueiros e comerciantes mandavam escrever publicações, inclusive sobre vários países, e essas informações eram divulgadas em muros, disponíveis a todos.

De acordo com Lage (2011, p. 27-28), “o primeiro jornal circulou em Bremen, Alemanha, em 1609. O segundo, em Estrasburgo, no mesmo ano. O terceiro, em Colônia, no ano seguinte”. A partir de então, outros países começaram a produzir.

Em continuidade às informações em Lage (op. cit.), nos primeiros jornais, as notícias eram usadas para atingir interesses comerciais e políticos e, com isso, a Igreja e o Estado tentaram censurar os impressos. Como a impressão do jornal era de baixo custo, qualquer um podia publicar uma folha, desde que houvesse amigos correligionários ou fossem obrigados a contribuir, por ameaça de difamação pública.

A censura só teve o seu término na Revolução Industrial, na última década do século XIX, em boa parte da Europa Ocidental, com o aumento do mercado para os

jornais, com a chegada de máquinas e a produção própria do capitalismo industrial e o custeio das despesas editoriais, por meio da publicidade.

Depois de algum tempo sendo vista como indústria cultural, a imprensa passa a ser ampliada e os jornais começam a diversificar a área de serviços neles publicados. Lage (op. cit.) informa que:

A luta pelo aumento de tiragem – medida de sua eficácia publicitária – levou os jornais a ampliar a área de serviços e a incluir em suas páginas os horóscopos, os quadrinhos e os folhetins (histórias seriadas de ficção que tinham a vantagem de manter o público cativo). Mas a notícia terminaria sendo a matéria-prima principal, conformando-se a padrões industriais por meio da técnica de produção, de restrições de código linguístico e de uma estrutura relativamente estável.

Também houve mudanças no formato da notícia, antes vista como produto de um indivíduo que escrevia o que era de seu interesse político e comercial, passou a ser escrita segundo os interesses coletivos. De acordo com as afirmações em Lage (2001, p. 24), “mudou, de fato, o modo de produção da notícia: crenças e perspectivas nela incluídas não são mais as do indivíduo que a produzia, mas a da coletividade hoje produtora, cujas tensões refletem contradições de classe ou de cultura”.

A partir de então, a notícia vem seguindo os padrões e se fortalecendo como o gênero fundamental nos jornais e a sua estrutura é relativamente estável porque pode ter interferências do jornal e/ou do ponto de vista do jornalista.

Corroborando com o autor supracitado, Benassi (2007, p. 1793) afirma que “a notícia é um formato de divulgação de um acontecimento por meios jornalísticos”. Mas, não é qualquer acontecimento, tem que ser um acontecimento novo, de interesse comum a todos da cidade e/ou até do país. Se não for novidade não é notícia, nem todo texto jornalístico é notícia, mas toda notícia passa pela avaliação jornalística, porque precisa estar sempre viva. Como texto principal do jornal, é preciso estar continuamente chamando a atenção do público.

Lage (2001, p. 27) apresenta dois componentes básicos que constitui a notícia. São eles:

- a) Uma organização relativamente estável, ou *componente lógico*, e

- b) elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia – o *componente ideológico*.

A notícia está presente por toda parte, ocupando um lugar de destaque no rádio, na televisão, nas redes sociais, sendo esses últimos responsáveis pelo grande número de pessoas alcançadas pela notícia. (LAGE, 2001, p. 25).

Já Van Dijk, *apud* Benassi (2007), diz que a notícia faz parte da ordem do narrar, só que de uma maneira diferente. Ele

postula que as notícias são um gênero que têm uma estrutura global diferente das outras narrativas, ou seja, tem uma maneira diferente de organizar tópicos globais no texto. Segundo o autor, na maior parte dos casos, as estruturas temáticas no discurso noticioso obedecem a uma ordem, têm uma estrutura de relevância que indica ao leitor qual a informação ou o tópico mais importante (BENASSI, 2007, p. 1793).

Segundo Lage (2011), as informações contidas na notícia devem seguir a ordem de importância dos fatos e, por isso, muitas vezes não seguem a ordem dos acontecimentos, uma vez que a ordem da ocorrência dos fatos não é relevante para quem vai ler a notícia. O autor afirma que “os eventos estarão ordenados não por sua sequência temporal, mas por interesse ou importância decrescente, na perspectiva de quem conta e, sobretudo, na suposta perspectiva de quem ouve”. Portanto, a importância dos acontecimentos será descrita de acordo com a informação principal.

Conforme Caregnatto e Costa-Hübes (2009, p. 10):

Normalmente a notícia discorre sobre um fato recente, inédito, verdadeiro, objetivo e de interesse público, que passa por variação de tempo, ou seja, o que ontem foi importante, hoje poderá não ser. Na notícia impressa, verifica-se um texto que busca, geralmente a impessoalidade, a clareza, a objetividade e cuja estrutura se orienta a partir de respostas aquelas perguntas típicas do *lead* (quem, o quê, onde, como, quando e por quê?). No entanto, suporte e o público alvo também definem um perfil particular para esses textos, “quebrando”, muitas vezes, sua forma padrão.

A notícia é a exposição de uma sequência de acontecimentos. É o relato dos fatos importantes, partindo dos acontecimentos mais relevantes expostos no primeiro parágrafo, chamado de *lead*, para os menos relevantes, chamado de corpo da notícia. O

texto tem que ser objetivo e imparcial, sem comentários, críticas ou outras observações particulares. Apenas o jornal deve se responsabilizar pela notícia. Para dar maior credibilidade à notícia, um recurso bastante utilizado é o depoimento de pessoas que se envolveram com a história noticiada, data e local também são necessários. (BARBOSA, *apud* BENASSI, 2007, p. 1794).

Livre de marcas pessoais, nem sempre é tão imparcial quanto parece. Segundo Lara (2011, p. 12), lembrando que a notícia é um texto narrativo, em que é apresentado um relato dos fatos e não o fato em si, “numa leitura mais aprofundada, iremos perceber a ideologia que reflete e refrata a realidade por ela veiculada e que procura se ocultar sob um texto coberto de consensos e de supostas verdades”. E acrescenta que são muitos os autores que se preocupam em analisar nas notícias as intenções ocultas e os relatos neutros. Até porque

a notícia não traduz a realidade, narra o acontecimento sob determinada perspectiva, constituindo-se em uma versão dos fatos e não sua tradução imparcial e descomprometida. Podemos perceber a influência ideológica na escolha das notícias a serem veiculadas, no enfoque dado as mesmas, na importância que o jornal atribui a dados acontecimentos e também na escolha das palavras (LARA, 2011, p.13).

Franceschini (2004, p. 148) afirma que

a notícia é produzida segundo técnicas específicas que foram adotadas, em seu conjunto, de forma quase unânime pela grande imprensa. Essas técnicas dizem respeito à apuração e seleção dos fatos, escolha do vocabulário, ordenação de informações, tratamento das fontes etc.

É de suma importância apurar o fato relatado, escolher quais pontos do acontecimento devem ser abordados, ordenar esses pontos pela importância e utilizar a linguagem adequada.

A seguir, falaremos sobre a linguagem presente no gênero notícia, destacando a relevância dessa linguagem na caracterização desse gênero.

A linguagem da notícia

A linguagem presente nas notícias deve ser a mais impessoal e objetiva possível, para manter um distanciamento do autor/repórter e do fato exposto e, assim, transmitir confiabilidade. Devem-se usar pronomes em terceira pessoa para enfatizar o caráter impessoal nas matérias, verbos no presente, pretérito perfeito e imperfeito e evitar adjetivos. Para Franceschini (2004, p. 149), a notícia “deve apresentar ao leitor um relato objetivo e distante dos fatos, isento de avaliações pessoais ou julgamentos tanto explícitos quanto implícitos”. Quando houver uma voz presente na notícia, essa deve ser de uma fonte confiável e sempre deixar claro de quem é essa voz, seja uma informação, seja uma opinião.

Segundo Lage (2001, p. 31), a linguagem é a *referencial* ou *denotativa* (tem como objetivo informar), sempre evitando a função *emotiva* ou *expressiva* (tem como objetivo transmitir as emoções do emissor da mensagem) e a *conativa* ou *apelativa* (tem o intuito de convencer/persuadir o leitor), porque não pode transmitir as emoções de quem escreve e a intenção de convencer o leitor, tornando a informação legítima e mantendo uma neutralidade da parte do emissor. O emissor é oculto e o receptor obtém a informação sem margens à argumentação.

De acordo com Lage (2001, p. 33), o verbo é o que articula a sentença da notícia. As particularidades do verbo estão presentes na referencialidade e na impessoalidade, predominando, assim, o emprego da terceira pessoa e o uso do modo indicativo. Costa-Hübes (2010) afirma que a maioria dos títulos das notícias apresentam verbos.

Lage informa que “o sistema dos verbos que articulam a notícia e são centrais em sua formulação indica a principal característica desse gênero de proposições: o *aspecto perfectivo*” e a escolha desse aspecto estão relacionados ao “modo peculiar de conhecimento” que as notícias propõem. “O *perfectivo* é o aspecto da ação acabada; o *imperfectivo*, o aspecto da ação cujo fim não se determina”. (LAGE, 2001, p. 34). Em geral, as notícias relatam fatos que aconteceram em um passado recente.

Por ser muito importante manter uma estrutura padronizada no gênero notícia, na próxima seção, apresentaremos a estrutura desse gênero textual.

A estrutura da notícia

Lage (2011, p. 62-63) cita três fases pelas quais a notícia passa no processo de produção, em sua estrutura mais comum. São elas:

1. Seleção de eventos
2. Ordenação dos eventos
3. Nomeação

Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante e interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. Essa definição pode ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los (LAGE, 2011, p. 46).

Não são todos os eventos de um acontecimento que são expostos na notícia, tem que ser os mais importantes e relevantes de conhecimento. Deve-se ordenar por importância, do maior ao menor, e nomear adequadamente as coisas, de modo a utilizar-se de palavras que estejam de acordo com o contexto e que venham a atingir o objetivo do jornal com relação ao leitor.

Para Alves Filho (2011, p. 97), a estrutura da notícia é composta por elementos razoavelmente estáveis que podem combinar-se de diferentes modos. O que vai estabilizar a estrutura da notícia é justamente a escrita. Por ser redigida no ambiente jornalístico, “existe um conjunto de regras para orientar os modos de escrevê-la”. Portanto, “o estilo que deve prevalecer é o estilo da notícia, conforme concebida em tal empresa, e não o do seu redator”. Sendo assim, o redator não deixa a marca de seu estilo pessoal, mas, sim, o estilo de comunicação formal.

Segundo Van Dijk (*apud* Alves Filho, 2011, p. 98),

a estrutura das notícias contém as seguintes categorias: manchete, *lead*, episódios (eventos e consequências/reações) e comentários. A manchete e o *lead* têm como função resumir o evento para captar a atenção dos leitores para os fatos relevantes que possam lhes dizer interesse. O episódio objetiva relatar em mais detalhes o fato noticioso, indicando os eventos que ocorreram e quais consequências ou reações eles provocaram; os comentários objetivam

divulgar como atores sociais envolvidos direta ou indiretamente no fato – mas não o redator – avaliam o que ocorreu.

Em conformidade com a composição da estrutura, Benassi (2007, p. 1794) afirma que o *lide* é muito importante para a notícia. Conhecido no Brasil como “cabeça”, de origem inglesa, quer dizer “conduzir”, “guiar”. Posicionado no início do texto da notícia ou da reportagem, “o *lide* apresenta, sucintamente, o assunto ou destaca o fato essencial, o clímax da história”. Pode conter até dois parágrafos, o que compõe o *lide* integral, sendo o mais comum. Ele “está concentrado geralmente nos dois primeiros parágrafos e responde a perguntas básicas (quem?, o quê?, quando?, onde?, como?, por quê?), resumindo e situando leitor quanto aos principais aspectos da notícia”.

Para alcançar o nosso objetivo de preparar os alunos a dominarem o gênero notícia, consideramos viável organizar as atividades em uma sequência didática. Na etapa seguinte, exporemos as considerações teóricas sobre sequências didáticas.

2.4 Sequência Didática

A sequência didática traz um direcionamento prático, ativo e eficaz para o ensino com gênero textual. Através desse método, podemos descobrir o que o aluno já sabe sobre um determinado gênero textual, apresentá-lo ao gênero, identificá-lo, lê-lo e produzi-lo, por meio das atividades sistematizadas.

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Os autores, como vemos, estão em consonância com os PCN’s (1998, p. 23), que orientam uma prática pedagógica, tendo como objeto de ensino o texto e, assim, o gênero textual. Dessa forma, o professor deve realizar atividades com diversos textos e gêneros.

Para melhorar a leitura e a escrita dos educandos, as escolas deveriam trabalhar com gêneros que os alunos não dominam, os de fácil circulação e os de difícil acesso, através de uma sequência didática, pois, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a

dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. ”

A sequência didática (doravante SD) desenvolvida pelos autores acima é estruturada da seguinte forma:

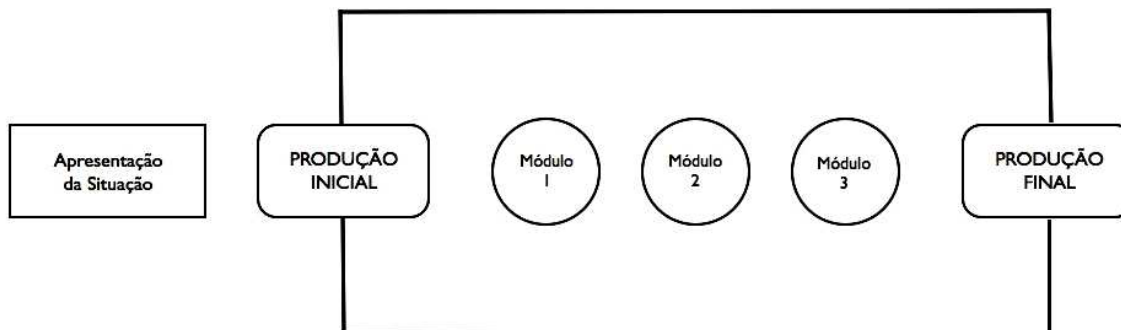


FIGURA1- Esquema de uma Sequência Didática
 FONTE: cf. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98)

A estrutura de base de uma SD é constituída pelos seguintes passos:

Apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final.

1. Apresentação da situação

O projeto de produção de um gênero textual a ser desenvolvido é exposto (qual o gênero, destinatário da produção, suporte). Os alunos precisam perceber a importância dos conteúdos que vão trabalhar. Logo após, realizam a produção inicial.

2. Módulos

Na primeira produção, certamente, vai ser possível detectar os problemas textuais e é nessa etapa em que se aconselha que sejam trabalhados e que sejam dados aos alunos os instrumentos necessários para superá-los. Os exercícios específicos para cada problema possibilitam que os alunos, ao final, além de superá-lo, adquiram uma noção mais exata do gênero trabalhado. Aconselha-se a trabalhar atividades de leitura, compreensão, interpretação de textos e atividades de análise linguística. No presente esquema, os autores apresentam o modelo com três módulos, mas nada impede que o número seja maior, depende da necessidade.

3. Produção final

Etapa finalizada com uma produção final, proporcionando ao aluno possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados, separadamente,

nos módulos. Essa proposta pressupõe o trabalho tanto com textos escritos quanto orais e, especialmente, ressalta a necessidade de valorização das manifestações orais, já que a tradição valoriza demasiadamente o texto escrito.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 108) apresentam, também, pontos importantes no procedimento quanto à sequência didática. São eles:

- 1) Os princípios teóricos subjacentes ao procedimento.
- 2) O caráter modular do procedimento e suas possibilidades de diferenciação.
- 3) As diferenças entre os trabalhos com oralidade e com escrita.
- 4) A articulação entre o trabalho na sequência e outros domínios de ensino de língua.

Essa sequência didática só foi possível ser realizada porque o PIBID promove a articulação entre os estudantes de Letras Português e as escolas públicas. Incentivando e capacitando os docentes, para o ensino de Língua Portuguesa junto aos professores efetivos do Ensino Médio. No capítulo subsequente, apresentaremos o Edital na íntegra, bem como as contribuições e os desafios enfrentados pelo bolsista, nas escolas públicas.

3. FORMAÇÃO DOCENTE

3.1 O PIBID: desafios e contribuições

Nas Universidades, uma das inquietações reveladas pelo aluno de Letras relaciona-se com a transposição didática, nas escolas, dos conteúdos estudados na academia. Por outro lado, pesquisadores, a exemplo de Rojo (2001), revelam a pouca influência das teorias linguísticas nas reais práticas de sala de aula, motivadas basicamente pela falta de formação dos professores. Essa realidade evidencia a necessidade de reorganização na formação inicial e contínua dos professores, revisões nos currículos de cursos de Letras e na elaboração de projetos voltados para os professores de Língua Portuguesa. (cf. EDITAL Nº 001/2011/CAPES). É central, portanto, que se faça uma reflexão sobre o papel do professor de língua portuguesa nas escolas com relação à metodologia de ensino de língua a partir das novas teorias.

No tocante à Educação Básica, dados divulgados nos anos de 2006 e 2007 revelaram deficiência dos alunos em diversas áreas desse nível de ensino. Para minimizar esse problema, o Governo Federal lançou, entre outros programas, o PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, buscando “incentivar a formação de docentes para a educação básica, especialmente para o ensino médio, promovendo a articulação integrada da educação superior do sistema federal com a educação básica do sistema público”. Atendendo à convocação do Edital MEC/CAPES/FNDE, este Subprojeto direciona-se para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, com o intuito de incentivar a formação e a capacitação de docentes, a partir de um processo de acompanhamento pedagógico sistemático de salas de aula desse nível de ensino.

Para isso, adota-se uma concepção de linguagem como uma realidade social, histórica e multifacetada e defende-se o texto - falado e escrito - e seus diferentes suportes, como unidade de ensino, privilegiando-se a diversidade de gêneros textuais. O trabalho a partir de gêneros disponibiliza aos alunos meios para analisar as condições sociais efetivas de produção e recepção de textos, ao mesmo tempo em que fornece um quadro de análise dos conteúdos, organização e sequências do texto, bem como das unidades linguísticas e das características específicas da textualidade oral e escrita. (cf. DOLZ; SCHNEUWLY, 1998). Apresenta uma perspectiva transdisciplinar, no sentido

de que considera essencial uma formação de professor que vá além de sua própria disciplina, uma vez que “a Linguagem, pela sua natureza, é transdisciplinar” (PCN, 2000, p. 5).

O principal foco de trabalho é o desenvolvimento de habilidades na área de leitura e de escrita, que promovam o uso efetivo da língua, a utilização da análise linguística como estratégia para desenvolver as habilidades de leitura e de produção de textos e não a simples memorização de conteúdos e/ou o estudo classificatório de estruturas gramaticais. As atividades relacionadas aos processos de construção de leitura, escrita e análise linguística são elaboradas a partir de uma ação diagnóstica inicial. As atividades se desenvolvem seguindo etapas de *planejamento*, *produção* ou *adoção* de materiais didáticos e *avaliação* das atividades desenvolvidas. Para isso, o plano de trabalho envolve:

- Leitura da literatura científica/linguística pertinente ao desenvolvimento do projeto.
- Seleção de atividades relacionadas ao processo de leitura, produção de texto e ensino de gramática e de literatura no Ensino Médio. Os temas de estudo serão eleitos a partir de questões emergentes da realidade.
- Elaboração de seqüências didáticas relacionadas ao conteúdo programático de língua portuguesa no Ensino Médio.
- Aplicação de estratégias de análises linguísticas que possibilitem desenvolver as habilidades de leitura e de produção de textos.
- Discussão sobre o papel do aluno de Letras e a aplicabilidade das teorias linguísticas apreendidas em sala de aula.

O Subprojeto em tela é de fundamental importância, sobretudo quando levamos em consideração a realidade observada no Curso de Licenciatura em Letras, no que tange à entrada e à permanência dos alunos nesse curso e à carência de professores com formação inicial em Língua Portuguesa. Além do mais, constatamos a pouca habilidade dos alunos em atividades de leitura, escrita e interpretação de textos, dificultando o desempenho, por parte dos discentes, em outras áreas do conhecimento. Outro aspecto relevante para a realização do Projeto tem relação com a desvalorização profissional, configurada como uma problemática social, revelada e percebida pelos professores, através do desinteresse dos alunos pela formação docente.

O Subprojeto almeja uma elevação da autoestima dos graduandos, diminuindo os índices de evasão e de retenção no Curso de Letras e que estes se estimulem pelo exercício do magistério, a despeito dos desafios a serem enfrentados. No tocante às Escolas-alvo, a expectativa é de que estas obtenham um resultado satisfatório tanto nos Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), quanto no ENEM.

Objetivos:

- Os objetivos gerais do Subprojeto consistem em:
 - Incentivar a formação e a capacitação docentes, através da reflexão sobre a prática pedagógica do ensino de língua portuguesa no cotidiano dos professores do Ensino Médio.
 - Estabelecer ações pedagógicas que integrem o conhecimento teórico-linguístico às atividades de ensino de Língua Portuguesa.
- Como objetivos específicos, destacamos os seguintes:
 - Levantar as principais dificuldades encontradas por alunos e professores do Ensino Médio em relação ao ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.
 - Identificar conteúdos relevantes para o ensino da língua portuguesa, especialmente os que focalizam a produção da leitura e produção de textos no Ensino Médio.
 - Desenvolver no licenciando as competências específicas no domínio da modalidade oral (compreensão e expressão), da modalidade escrita (leitura e expressão) e do conhecimento explícito da língua.
 - Planejar, através de reuniões com professores das escolas públicas, estratégias de acompanhamento pedagógico para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, após a aplicação de uma ação diagnóstica inicial.
 - Planejar, elaborar e aplicar sequências didáticas transdisciplinares, avaliando os resultados obtidos.
 - Desenvolver estudos teóricos e práticos necessários à atualização pedagógica dos professores das escolas públicas.

- Propiciar socialização das experiências dos professores e bolsistas participantes do projeto, para avaliação dos resultados.

O planejamento das estratégias de acompanhamento pedagógico – após a aplicação de uma ação diagnóstica inicial – está voltado para o desenvolvimento das competências específicas no domínio do modo oral (compreensão e expressão oral), do modo escrito (leitura e expressão escrita) e do conhecimento explícito da língua.

O acompanhamento pedagógico é feito a partir da atuação dos alunos de Letras (bolsistas), que desenvolvem suas atividades em 03 escolas da rede estadual, conjuntamente com professores das escolas, sob a orientação dos professores da Universidade Federal da Paraíba envolvidos no projeto. Durante o período do projeto, os bolsistas desenvolvem atividades nas escolas selecionadas, em período contrário ao turno em que assistem às aulas na UFPB. Essas ações são planejadas e acompanhadas semanalmente pelos supervisores e coordenadores.

Tais ações possibilitam investigar as dificuldades encontradas pelos professores e alunos da rede pública de ensino, no tocante ao ensino e à aprendizagem de língua portuguesa, especialmente no que se refere aos processos de construção de leitura, de escrita e do conhecimento explícito da língua. Por outro lado, permitem também estabelecer uma relação entre o conhecimento das teorias linguísticas estudadas na Universidade e a sua aplicabilidade no ensino médio, relacionando teoria e prática pedagógica, o que pode contribuir para o desenvolvimento de atividades mais produtivas no ensino da Língua Portuguesa.

Ações Previstas:

Para alcançar os objetivos listados, o Subprojeto é desenvolvido por meio das seguintes ações:

1. Reuniões Técnico-Pedagógicas, para planejamento das atividades didático-pedagógicas e elaboração de material na área de Língua Portuguesa.
2. Levantamento e organização do material existente na área de língua portuguesa, nos laboratórios de informática e nas bibliotecas das escolas.
3. Capacitação teórico-metodológica aos alunos/bolsistas, na área de Língua Portuguesa.

4. Elaboração e Aplicação de atividades voltadas para o ENEM, nas 03 (três) escolas, na área de Língua Portuguesa.
5. Elaboração e aplicação de diagnóstico avaliativo das dificuldades encontradas por professores e alunos do Ensino Médio em relação ao processo de Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa.
6. Análise da avaliação diagnóstica e capacitação teórico-metodológica dos bolsistas da área de Letras.
7. Assessoria aos professores no Planejamento Pedagógico das Escolas.
8. Encontros pedagógicos, com bolsistas e professores, para planejamento e preparação de atividades de transposição didática dos conteúdos, tais como:
 - Elaboração de sequências didáticas;
 - Ativação de laboratórios de leitura;
 - Oficinas de estudos específicos;
 - Atividades de leitura na biblioteca;
 - Desenvolvimento de materiais didáticos alternativos;
 - Preparação e divulgação de textos de divulgação científica.
9. Desenvolvimento, nas escolas, das atividades didáticas planejadas, com a participação de bolsistas.
10. Reuniões com coordenadores do Subprojeto para análise, discussão e avaliação das ações e metas com base no seu andamento.
11. Elaboração de relatório das atividades desenvolvidas, ao término de cada ano do Subprojeto.
12. Participação de alunos e coordenadores em eventos científicos para divulgação das atividades desenvolvidas no Subprojeto.
 - A. Ações dos bolsistas no âmbito da UFPB:
 - A.1. Ações propostas pela Coordenação geral do PIBID/UFPB:
 - Participar da divulgação do Programa nos Cursos de Licenciatura;
 - Participar de Oficinas Pedagógicas, Grupos de Estudo e Seminários;

- Participar da Feira das Profissões, preparando a divulgação do Curso de Letras através da elaboração de folder, painéis e material didático;
- Participar, com a apresentação de trabalhos, dos Encontros de Iniciação à Docência;
- Participar do Encontro de Bolsistas.

A.2. Ações propostas pela Coordenação do Subprojeto Letras – Língua Portuguesa:

- Divulgar as atividades do PIBID/Letras no Curso de Licenciatura através da distribuição de folder e de exposição de modelos e cartazes para estimular e aumentar a participação de alunos no Programa. Esta etapa antecede a publicação do Edital de Seleção de bolsistas e é executada pelos integrantes do Subprojeto que permanecem no curso.
- Elaborar questionário a ser aplicado a professores e alunos das escolas;
- Participar de reuniões semanais para discussão e planejamento das atividades a serem desenvolvidas na UFPB e nas Escolas;
- Propor, preparar e discutir com os colegas os roteiros de aulas e as respectivas estratégias para a execução dessas aulas;
- Participar de Grupos de Estudo para pesquisa, leitura criteriosa e discussão de temas ligados à legislação, Parâmetros Curriculares voltados ao ensino médio; novas metodologias e técnicas educacionais no ensino de Língua Portuguesa e atualização nos conteúdos nesta área;
- Buscar, em fontes confiáveis da internet, livros, DVDs e revistas especializadas, textos, documentários, ilustrações, animações, filmes e aulas que possam ser utilizados para complementar as atividades propostas no Programa;
- Selecionar textos em jornais e revistas de grande circulação, atentando para a diversidade de gêneros;
- Elaborar sequências didáticas que contemplem tanto os programas das séries do Ensino Médio quanto conteúdos previstos nas Matrizes de Competência do ENEM.
- Ministrando aulas aos colegas para que estes avaliem se, a linguagem, a postura, o tempo, os recursos didáticos e o exercício de avaliação estão adequados para o público-alvo;

- Selecionar, gravar em CD/DVD e distribuir entre os alunos do curso de Licenciatura e professores das escolas as sequências didáticas produzidas pela equipe de um dos professores colaboradores deste projeto e as técnicas utilizadas para dinamizar e ilustrar as aulas de Língua Portuguesa;
- Pesquisar, discutir e preparar o caderno de questões e a apresentação do simulado do ENEM/PSS;
- Preparar artigos e/ou resumos, painéis e apresentação em data-show dos trabalhos para divulgação dos resultados em eventos locais ou nacionais;
- Elaborar o relatório individual semestral.

B. Ações dos bolsistas no âmbito das escolas atendidas pelo Programa:

- Divulgar as atividades do PIBID/Letras através da distribuição de *folder* e de exposição de modelos e cartazes com as nossas propostas para estimular a participação de alunos no programa.
- Aplicar um questionário aos professores de Língua Portuguesa e a alunos das escolas com o objetivo de identificar os temas com maiores problemas no processo ensino-aprendizagem e de levantar os anseios, necessidades e expectativas dos mesmos em relação à nossa atuação;
- Tabular os resultados do questionário para levantar os itens que merecem maior atenção;
- Participar das reuniões de planejamento pedagógico das escolas;
- Participar das reuniões de elaboração do plano de curso de Língua Portuguesa;
- Participar das reuniões de conselhos de classe;
- Participar das reuniões para planejamento e execução da Mostra de Artes, Cultura e Ciências;
- Participar de reuniões com supervisores para traçar estratégias de ações e cronograma de atividades nas escolas;
- Auxiliar os professores das escolas na aplicação de aulas teóricas, práticas ou teórico-práticas utilizando os roteiros e modelos preparados na UFPB para este fim;

- Ministrar aulas complementares, sob a coordenação dos supervisores, em horário oposto ao seu turno de aula, para alunos interessados na preparação para os exames de vestibular (PSS), ENEM e outros concursos;
- Aplicar o Simulado do ENEM e discutir as alternativas de cada questão;
- Orientar grupos de alunos, sob a coordenação dos supervisores, em trabalhos a serem apresentados na Mostra de Artes, Cultura e Ciências;
- Promover sessões de cinema com temas que envolvem educação ou questões linguísticas para serem debatidos com os alunos.

11. Resultados Pretendidos

Com o desenvolvimento das atividades desse Projeto, espera-se atingir os seguintes resultados:

1. Melhoria na formação inicial e continuada de professores para Educação Básica na área de Língua portuguesa;
2. Motivação e incentivo dos alunos de Letras (Língua Portuguesa) para atuarem na Educação Básica;
3. Fortalecimento do ensino da Língua Portuguesa no nível da Educação Básica;
4. Efetivação de alternativas metodológicas para o ensino da língua portuguesa, principalmente no tocante ao ensino de leitura e de produção de textos de gêneros diferentes, nas escolas selecionadas.
5. Aumento da participação e melhoria do resultado dos alunos no ENEM, PSS;
6. Aumento do índice de aprovação dos alunos no Vestibular das Universidades Públicas;
7. Melhoria do resultado das escolas nos processos avaliativos IDEB e ENEM;
8. Produção científica dos docentes e discentes envolvidos, através de artigos e produções textuais de reflexão temática, objeto do Projeto.

4. METODOLOGIA

O trabalho descrito possui um caráter qualitativo, tendo em vista que parte da observação direta em sala de aula, bem como da análise do desempenho dos alunos em 08 (oito) produções escritas do gênero notícia. Os alunos exploraram o Jornal da Paraíba, na perspectiva de conhecimento e reconhecimento de notícias, por meio da aplicação de uma sequência didática que envolveu atividades de leitura, interpretação e produção textual, conforme veremos a seguir.

4.1 Problemas detectados na escola

O presente estudo surgiu do interesse da professora titular em trabalhar com o Jornal da Paraíba. Como ela não dispunha de uma estratégia metodológica para trabalhar o jornal na sala de aula, pediu à bolsista do PIBID para desenvolver atividades que contemplassem o jornal impresso. As atividades desenvolvidas pela docente envolviam práticas de leitura e escrita e tinham por objetivo desenvolver a reflexão crítica e a produção autônoma dos alunos. As tarefas foram bem aceitas pelos alunos, que se mostraram interessados no manuseio do jornal e na leitura de notícias e demais gêneros.

Durante o período de atuação da bolsista na escola, identificamos que as aulas da professora eram divididas em gramática e literatura. Mesmo a escola possuindo sala de vídeo e uma biblioteca, esses espaços não eram frequentados pela professora, que ministrava suas aulas através de escrita, no quadro, dos conteúdos trabalhados. Constatamos que a leitura dos textos referentes às aulas de literatura era feita apenas por docente. Os alunos se mostravam respeitosos e demonstravam certo receio nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que a docente cobrava a presença pontual deles e a escrita dos conteúdos, atribuindo nota às atividades realizadas.

A professora, em nenhum momento, demonstrou interesse em utilizar a sala de vídeo ou a biblioteca, ao contrário do que ocorria com outros professores. Apesar de os outros docentes reclamarem pela falta de organização nas devidas salas, como a falta de

cadeiras suficientes, espaço pequeno e sujo e agendamento que se chocava com os dos demais colegas, planejavam suas aulas. Na biblioteca, a bibliotecária, do horário matutino, sempre reclamava da desordem deixada pelos alunos e da falta de controle dos professores que utilizavam o espaço. É notório que alguns docentes preferem optar pelas aulas mecanicistas, trabalhando a língua apenas com base em nomenclaturas, restringindo-se à sala de aula, por meio de exercícios descontextualizados e cópia do quadro.

Diferentemente do que ocorria com a professora titular, durante as atividades da bolsista, que sempre levava atividades desenvolvidas no PIBID ou orientadas nas atividades propostas, os educandos demonstravam interesse e participavam, animados. Entretanto, devido à falta do hábito de ler e produzir em sala, quando a sequência didática era extensa, eles reclamavam e, quando solicitados à leitura e à produção, demonstravam falta de ânimo e desinteresse. Tal fato deixa evidente que as práticas de leitura e produção devem ser constantes, porém utilizando sequências curtas para não se tornarem enfadonhas e cansativas para os alunos.

As dificuldades enfrentadas nas escolas explicam o caos que se apresenta na educação. Os professores de Língua Portuguesa não estimulam os alunos à prática de leitura, interpretação e escrita. Sendo assim, os discentes não atribuem sentido às atividades propostas nas aulas, um problema enfrentado desde os anos iniciais, em que os alunos deveriam ser estimulados, preparados para ler e escrever.

4.2 Apresentação da Sequência didática

Apresentação da situação

1ª aula

- ✓ Apresentação, predição, definição e diagnóstico sobre o gênero notícia.
- ✓ Conversa com os alunos sobre o gênero a ser estudado, visando detectar seus conhecimentos prévios acerca do mesmo.

I Momento

2ª aula

- ✓ 1ª produção.
- ✓ Apresentar o título “*Câmara aprova redução da maioria penal*” e realizar as inferências a partir do título. Após a estratégia de inferenciação, solicitar que os alunos escrevam uma notícia a partir desse título.

II Momento

3ª aula

- ✓ Com os jornais impressos em mãos, analisar as características do jornal;
- ✓ Pedir que respondam às questões seguintes:
 - Para que lemos jornal?
 - Qual o nome do jornal lido?
 - Como os textos estão distribuídos?
 - Que informações aparecem nele?
 - O que mais lhes chamou a atenção no jornal?
- ✓ Dialogar a partir das questões propostas.

4ª aula

- ✓ Explorar aspectos de uma notícia;
- ✓ Selecionar uma notícia que instigue a curiosidade da turma e explorá-la nos seguintes aspectos:
 - Título;
 - Nome do autor;
 - Espaço do jornal em que foi publicado (seção, caderno);
 - Assunto abordado.
- Atividade individual e escrita.
- ✓ Socialização das notícias selecionadas.

III Momento

5ª e 6ª aula

- ✓ Distribuir jornais contendo a notícia: “*Armadilha com o celular usado*”;
- ✓ Explorar as características da notícia;
- ✓ Pedir que identifiquem no *Lide* as respostas às seguintes questões: quem?/ Fez o quê?/ A quem?/ Onde?/ Quando?/ Como?/ Por quê?/ para quê?

- ✓ Mostrar a função do restante dos parágrafos.

IV Momento

7ª aula

- ✓ Ler e analisar a notícia: “*Câmara aprova redução da maioria penal*”.
- ✓ Explorar o uso da terceira pessoa como fator de distanciamento do fato e maior confiabilidade da notícia.
- ✓ Explorar o *Lide*.
- ✓ Instigar os alunos a concordar, discordar, criticar, assumir uma posição diante do fato, formando um debate sobre o assunto.

V Momento

8ª aula

- ✓ Construir um *Lide* com a participação dos alunos.
- ✓ Retomar as características da notícia.

Produção final

9ª Aula

- ✓ 2ª produção.
- ✓ Elaborar uma notícia a partir da construção do *Lide*.
Orientar as produções.

4.3 Descrição da aplicação da sequência didática

O trabalho com o gênero notícia impressa foi desenvolvido com 20 alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity, a partir de uma sequência didática, com base na teoria de Dolz e Schneuwly (2004). Vale salientar que apenas 15 discentes realizaram a produção textual e destes, 08 (oito) foram objeto de análise da presente pesquisa.

O gênero notícia impressa foi escolhido, por ser um texto atual do cotidiano dos alunos, aproveitando a oportunidade de a escola estar recebendo exemplares do Jornal da Paraíba, diariamente. O trabalho com o gênero possibilita a eles perceberem que a

notícia está bem presente nas salas de aula e nos corredores. Trabalhamos com a leitura, a análise, a identificação e a produção de notícias, favorecendo, assim, aos educandos desenvolver a compreensão dos enfoques, possibilitando a criação autônoma, demonstrando clareza sobre esse gênero e o assunto nele tratado. De acordo com Costa-Hübes (2008/2009),

torna-se importante, por meio de leituras de notícias veiculadas por órgãos variados, favorecer a compreensão dos enfoques diferenciados e criar condições de autoria, manifestando-se publicamente, de maneira clara, objetiva, correta, demonstrando mais clareza sobre esse gênero e o assunto nele tratado.

Consideramos importante explorar o jornal quanto as suas características e à relação dos alunos com o jornal e a notícia. Ficou evidente que eles não tinham a informação de que a escola recebia o jornal impresso *Jornal da Paraíba*, bem como a compreensão do que seja notícia. Ficaram surpresos, ao saber, e ainda por poderem levar para casa o exemplar diário. Tanto que, em algumas aulas alguns alunos pediram para levar o jornal. A professora da turma, Ana, que tinha solicitado um trabalho com o jornal, ficou entusiasmada com o projeto, a ponto de entrar em contato com um representante da empresa. A partir daí, surgiu a ideia de expor um trabalho individual na Feira de Ciências.

Na primeira etapa da sequência, conversamos com os alunos sobre o gênero a ser estudado, visando detectar seus conhecimentos prévios acerca do mesmo. Estimulamos a participação deles com perguntas norteadoras, tais como:

- O que é o gênero notícia?
- Onde podemos encontrá-lo?
- Vocês leem notícias? Assistem? Onde?
- Que assuntos mais interessam? Sobre o que leem?

Alguns alunos responderam que notícia é fofoca, outros disseram que é informação, novidade, homicídio. Quanto à segunda interrogação, acertaram que podemos encontrá-lo no jornal, na TV, internet, revista, rádio e um dos alunos disse R7.com. Apenas quatro alunos afirmaram ler notícias e em suportes diferentes: jornal impresso, *Facebook* e TV. Os assuntos mais interessantes foram futebol, moda e sobre a vida de artistas de televisão.

Na segunda aula, conversamos sobre a notícia do dia anterior “Empresa que não demitir terá crédito”, analisamos as características da notícia, respondendo aos questionamentos: Quem? Fez o quê? Quando? Onde? Por quê? Como?

Logo em seguida, escrevemos essas perguntas no quadro e foi apresentado o título “Câmara aprova redução da maioria penal” e realizamos as inferências a partir do título. Vale ressaltar que essa notícia foi publicada no mesmo dia no Jornal da Paraíba e eles não tinham lido ainda. Após a estratégia de inferenciação, solicitamos que os alunos escrevessem uma nova notícia a partir desse título.

Um dos alunos ficou preocupado porque não conhecia o texto original e achou que não conseguiria produzir o gênero solicitado. Houve a intervenção da professora com dicas sobre a notícia. Alguns alunos disseram ter conhecimento do assunto e opinaram. Para auxiliar os alunos, a professora, juntamente com a bolsista, realizou a análise da manchete.

Na terceira aula, distribuimos exemplares do Jornal da Paraíba para serem analisadas as características do mesmo. Os alunos observaram o nome do jornal, como os textos estão distribuídos, que informações aparecem neles, informaram para que lemos o jornal e o que mais chamou a atenção deles.

Na quarta etapa, com os jornais impressos em mãos, analisaram por escrito as características do gênero notícia. Os alunos presentes selecionaram uma notícia que instigasse a curiosidade, sem intervenção da professora e da bolsista, e exploraram os seguintes aspectos: título, autor, seção e assunto. A notícia que mais foi explorada foi “Jovem acusado de 9 assassinatos e preso com munição envenenada”.

Na quinta aula, com dezesseis alunos em sala, entregamos os jornais e promovemos uma análise do texto “Armadilha com o celular usado”, buscando compreendê-lo. A análise dessa notícia foi feita oralmente e por escrito. Os estudantes leram a notícia e exploraram as suas características, identificando o título, subtítulo, lide e o corpo da notícia.

Instigamos os alunos a exporem oralmente sua compreensão sobre o texto e, assim, socializaram as análises feitas. Houve muitas dúvidas sobre dois questionamentos do *Lide*: ‘quem’ e o ‘como’. Em muitas respostas, basearam-se apenas na prisão do rapaz com o celular roubado. Devido às dúvidas e às respostas errôneas aos questionamentos do *Lide*, foi solicitada à professora mais uma aula para ser explorada a

notícia com todos e, dessa forma, analisar coletivamente o título, subtítulo, *Lide*, corpo e demais parágrafos.

Na sexta aula, foram realizadas a leitura e a análise da notícia “ ‘Armadilha’ com o celular usado”. Houve a leitura integral e parcial para ser analisado cada parágrafo. Foi solicitado que identificassem no *Lide* as respostas às seguintes questões: quem?/ Fez o quê?/ A quem?/ Onde?/ Quando?/ Como?/Por quê?/ para quê? E a função do restante dos parágrafos.

Na sétima e oitava aula, foi solicitado a um dos alunos que lesse a notícia “Câmara aprova redução da maioria penal” (cf. ANEXO II, p. 72) e os demais acompanharam a leitura com exemplares. Solicitamos que os alunos identificassem as características da notícia, como o tema, o título, subtítulo, ‘quem?’, ‘fez o quê?’, ‘onde?’, ‘quando?’, ‘como?’, ‘por quê?’.

Induzimos os educandos a assumirem uma posição diante do fato, seja concordando, discordando ou criticando, formando, assim, um debate sobre o assunto. Também perguntamos aos alunos quais as vozes presentes no texto. Um deles perguntou: “O que são vozes”? Explicamos que as vozes no texto são as pessoas que nele se fazem presentes. Então, perguntamos: de quem é a voz no texto? Quem fala? Um deles disse que o ministro se faz presente.

Foi observado que o autor da notícia não se faz presente no texto e traz a fala do ministro José Eduardo e que o autor escreveu em 3ª pessoa, não opinou e nem argumentou. Explicamos que o uso da terceira pessoa é para manter distanciamento do autor com o fato e passar maior confiabilidade da notícia para os leitores.

Quando questionados sobre quem é o autor da notícia, alguns responderam que é da *Folhapress*. Realmente, o autor não assina a notícia. Deixamos claro que o autor não assina por conta da legitimidade do fato noticiado e que a responsabilidade da notícia fica por conta do jornal.

Ao refazer os questionamentos do *Lide* e expor no quadro, todos participaram e as expostas foram unânimes.

Na nona e décima aulas, foram expostos, no quadro, os questionamentos do *Lide*, e os alunos foram levados a preencher com respostas e criar um tema para a segunda produção de uma notícia. De imediato, houve temas distintos, já que os meninos queriam falar sobre futebol e as meninas sobre moda. Por fim, os alunos,

coletivamente, foram dando respostas e chegaram a um assunto de interesse comum a todos.

- Quem? Os estudantes.
- Fez o quê? Manifestação.
- Quando? Dia 07/09/2015.
- Onde? Centro de João Pessoa.
- Como? Impedindo o trânsito.
- Por quê? Contra o aumento da passagem.

Com o tema definido, os estudantes fizeram manifestação contra o aumento da passagem e, após o *Lide* pronto, explicamos que as informações têm que estar no texto no primeiro parágrafo e até no segundo, se for necessário. Pedimos títulos diferentes, subtítulos e parágrafos para que não houvesse cópias idênticas, para que cada texto fosse particular. Todos os alunos realizaram a tarefa com tranquilidade.

No capítulo subsequente, apresentaremos a análise dos dados, tentando evidenciar os resultados alcançados.

5. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS

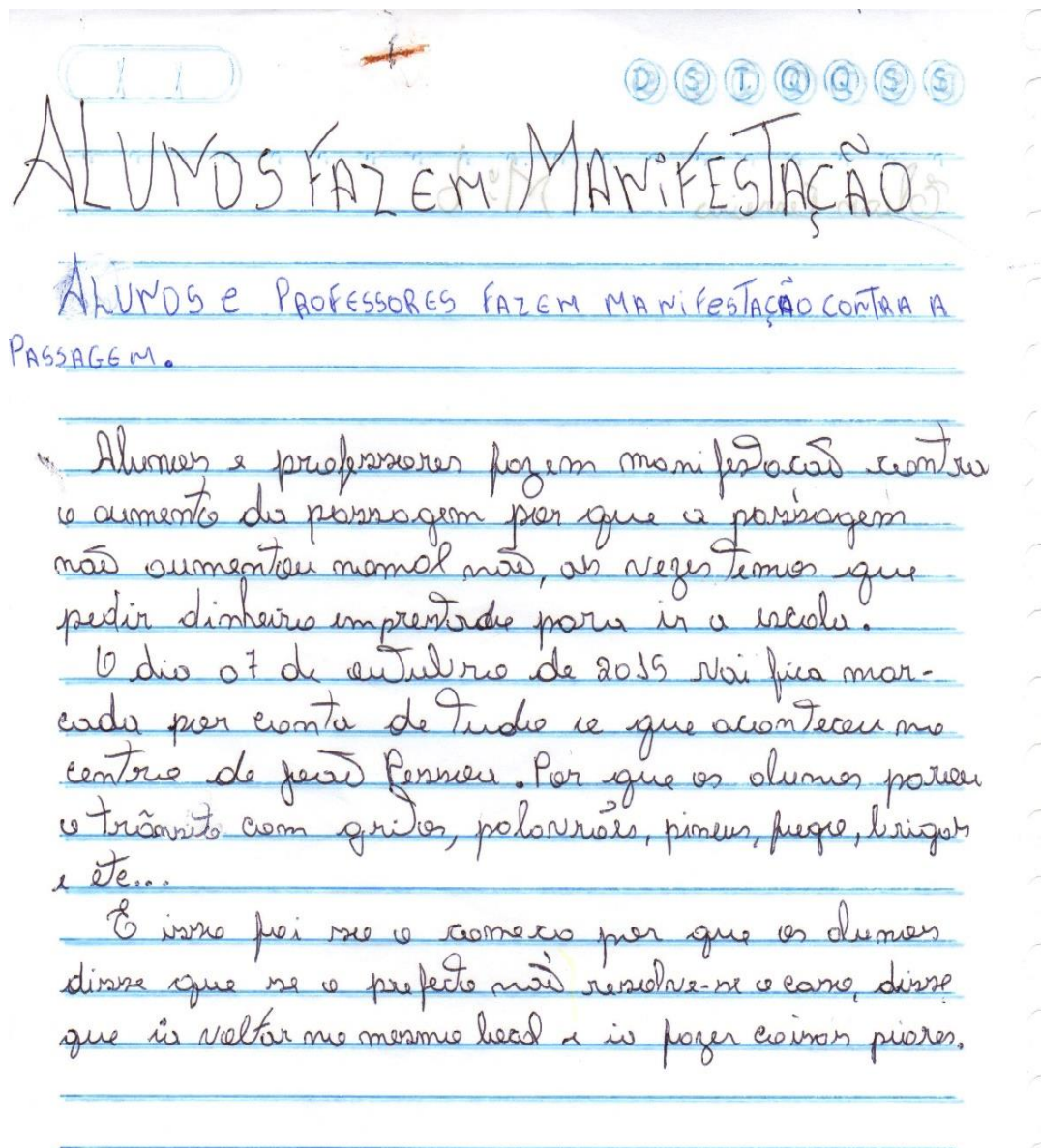
Neste capítulo, analisamos as produções dos alunos, desenvolvidas durante a sequência didática descrita anteriormente, utilizando o gênero notícia impressa. Para esta análise, procuramos considerar alguns fatores importantes na composição do gênero notícia, que fazem parte das suas características. São eles:

- A *linguagem*, observando se o aluno foi claro, objetivo e direto, mantendo-se impessoal ao fato narrado, escrevendo em terceira pessoa. Além disso, verificamos se houve a utilização de verbos no presente, pretérito perfeito e imperfeito, tanto no título quanto no corpo da notícia.
- A *estrutura*, analisando a composição da notícia produzida, atendendo às partes constituintes, de maneira que o *Lide* seja identificado no 1º ou até no 2º parágrafo, se as perguntas base do *Lide* foram respondidas e se os fatos estão descritos na ordem do mais importante para o menos relevante.

De acordo com os dois fatores supracitados, analisamos as produções, organizando os textos em uma escala gradativa, que vai da redação menos coerente com o gênero solicitado até a que melhor atendeu ao propósito deste trabalho.

Chamamos a atenção para a não utilização de folha de redação, apropriada para a produção textual e indicada pelas orientadoras do PIBID, pois essa não seria a última produção.

Figura 1: “Alunos e professores fazem manifestação contra a passagem” (Aluno A)



No texto acima, o autor não conseguiu manter-se neutro ao fato noticiado. Escrevendo em primeira pessoa, posicionou-se em relação à passagem de ônibus, conforme observamos na 3ª e 4ª linhas, em que o aluno afirma: “as vezes temos que pedir dinheiro emprestado para ir a escola”. Em outras linhas, faz julgamentos como “a passagem não aumentou normal não”, “vai ficar marcada por conta de tudo o que aconteceu” e “isso foi só o começo”. Podemos inferir que tal notícia não transmite confiança ao leitor, devido à falta de neutralidade.

O Jornal, que deseja manter um acordo de confiança com o leitor, se responsabiliza pelo fato noticiado e espera que seus repórteres se mantenham os mais neutros possíveis. O autor da notícia acima deixa sua marca de pessoalidade. Quanto à estrutura, o *Lide* está presente, coerentemente, no 1º e 2º parágrafos. Constatamos que o aluno relatou um fato, aproximando-se do gênero notícia, mas desviou-se um pouco do gênero solicitado, talvez por falta de atenção às explicações e, assim, à solicitação da proposta. Portanto, produziu a notícia de acordo com os seus interesses sobre o tema, mantendo-se parcial em todo o texto.

Figura 2: “Aumento da passagem” (Aluno B)

o aumento da Passagem

Nesta Quarta feira 07/10/2015 um Grupo de jovens Saíram pelas ruas do centro de João Pessoa fazendo manifestações contra o aumento da passagem.

o aumento da passagem revoltou muitos jovens pois em menos de 1 ano a passagem foi aumentada 3 vezes o primeiro aumento foi de 2,10 para 2,20 o segundo aumento foi de 2,20 para 2,45 e o ultimo aumento foi de 2,45 para 2,70.

Os jovens que usam esse meio de transporte não gostaram dessa decisão pois muitos não tem condições para manter essa decisão.

Os jovens tomaram um decisão e foram fazer manifestação contra o aumento de passagem pela ruas do centro de João Pessoa parando o trânsito até a integração com placas, apitos, gritos, o trânsito ficou muito lento.

Na *Figura 2*, acima, a estudante B não fez uso de verbos na manchete. Conforme Lage (2001, p. 33), o uso do verbo é essencial na construção de notícias, pois ele é “o ponto de articulação da sentença de uma notícia – variáveis predicadas de uma função cujos argumentos são os actantes: sujeitos e complementos verbais”, mesmo que ela não tenha usado verbos na manchete, fez uso adequado de verbos na notícia.

A discente ainda trouxe vários elementos desnecessários para o gênero textual utilizado, uma vez que, sendo a notícia o anúncio de um fato novo, não há necessidade de descrever cada aumento das passagens de ônibus, observáveis nas linhas 6,7 e 8 “*a passagem foi aumentada 3 vezes o primeiro foi de 2,10 para 2,20 o segundo aumento foi de 2,20 para 2,45 e o último aumento foi de 2,45 para 2,70*”. Dessa forma, o texto em questão se configura mais como reportagem do que como notícia, uma vez que está tratando do assunto. Assim como afirma Franceschini (2004, p. 150), “a reportagem trata de assuntos, e não necessariamente de fatos novos. Seu objetivo é contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos”.

A resposta à pergunta oculta “como?” do *Lide* foi respondida no parágrafo 4º, tornando o acontecimento da interrupção do trânsito durante a manifestação nas ruas um acontecimento banal. Em contrapartida, a descrição do aumento ficou no 2º parágrafo. Já no 3º parágrafo, foi feita uma citação indireta, declarando quem não gostou do aumento e por que não gostou do aumento das passagens.

Podemos constatar que houve alguns desvios da proposta solicitada, como, por exemplo, a ordem de importância dos fatos narrados e a descrição de fatos anteriores ao acontecimento e, portanto, sem relevância, corresponde à proposta.

Figura 3: “Estudantes protestam contra o aumento da passagem” (Aluno C)

Lide → Estudantes protestam
contra o aumento da passagem

↳ Estudantes nesta terça feira dia 07/10/2015
Saíram nos ruas para protestar pelo absurdo
aumento da passagem assim impedindo o tro-
nsito da cidade a integração e impedindo de
os ônibus saírem da integração e se
reuniram na frente do liceu e também
esta passagem está muito cara varias pessoas
reclamarom do aumento da passagem.

É isso varias pessoas reclaman do absurdo aume-
nto da passagem primeiro de 1,20 para
um absurdo 2,10 isso que caiu para
todos e agora de 2,70 querem aumentar
para 3,00 isso é um roubo pelo o meno-
re des investirem no transporte publico
mas não

Na *Figura 3*, acima, verificamos que o aluno C não conseguiu desenvolver um texto de acordo com o gênero solicitado. Logo no início do texto, ele escreveu a palavra *Lide* para identificar que aquele parágrafo seria o *Lide* da notícia. Não há essa necessidade, uma vez que o primeiro parágrafo já é identificado como tal.

Segundo Benassi (2007, p. 1794), o *Lide* “apresenta sucintamente o assunto ou destaca o fato essencial, o clímax da história”. Na estrutura da notícia, o primeiro parágrafo e até o segundo fazem parte do *Lide* porque correspondem à abertura do texto da notícia e guiam o leitor para o restante dos acontecimentos. Quanto à composição, ele correspondeu, uma vez que apresenta respostas para as seis questões fundamentais presentes no primeiro parágrafo, o *Lide*.

No que se refere à linguagem, o estudante não se manteve neutro a notícia narrada. Observamos esse caráter de ‘pessoalidade’ no primeiro parágrafo, na 2ª e 3ª

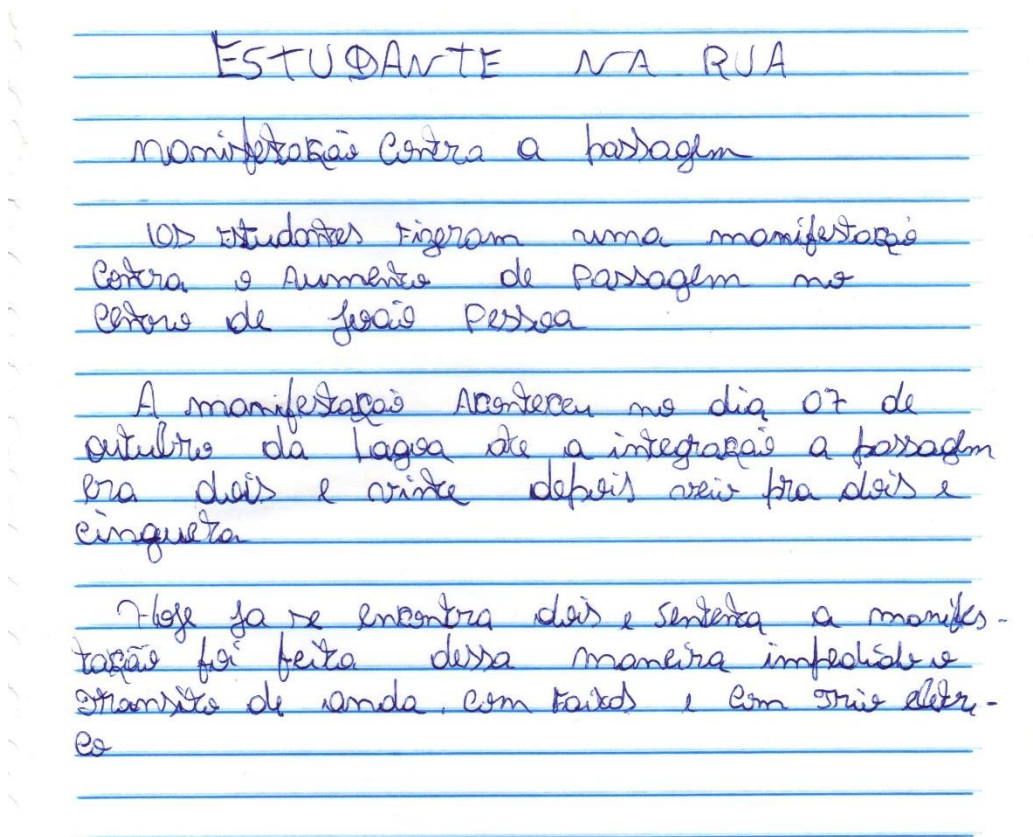
linhas, quando afirma que *protestam contra o absurdo aumento da passagem*, nas linhas 6ª e 7ª, “*e também esta passagem esta muito cara*”, seguindo de demais declarações pessoais.

Outro equívoco cometido pelo aluno foi declarar que “*várias pessoas reclamam do absurdo aumento da passagem*”, sem apresentar uma fonte confiável; em vez disso, ele fez a declaração. De acordo com Barbosa (*apud* Benassi), declarações de pessoas envolvidas no caso transmitem credibilidade à notícia, desde que a fonte seja declarada, porque:

A inclusão de depoimentos pode ser feita de duas formas: por meio da reprodução da fala da pessoa envolvida, chamada de *discurso citado*, ou por meio do relato da fala feito pelo jornalista, *discurso reportado*, para diferenciar da primeira forma (BENASSI, 2007, p. 1794).

No final do texto, o discente faz um julgamento e emite a sua opinião. Essa produção se afasta um pouco da notícia, devido a tantos desvios na composição do gênero, como, por exemplo, escrever seu nome, fazer julgamentos e dar opinião.

Figura 4: “Manifestação contra a passagem” (Aluno D)

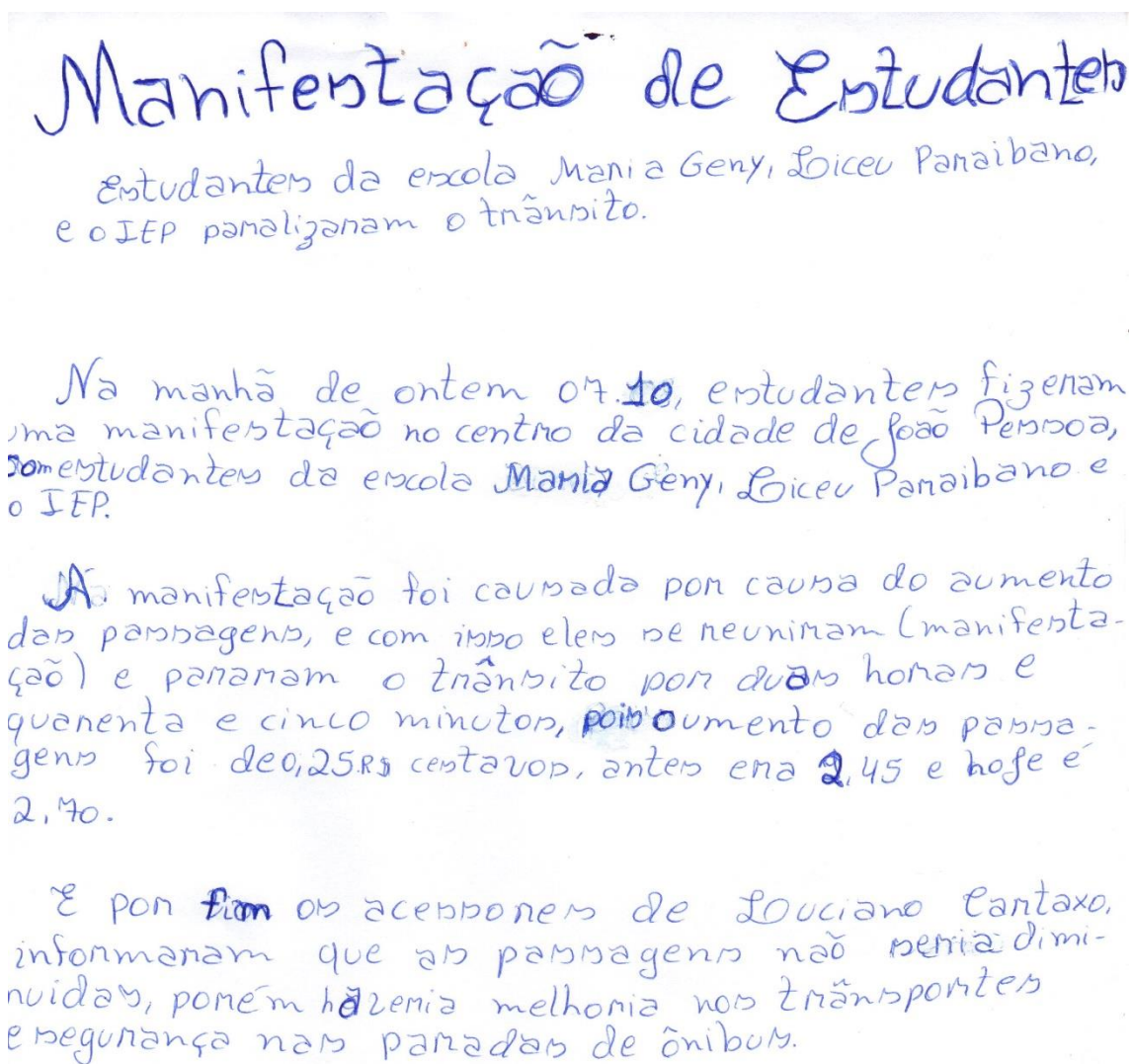


No texto do aluno D, observamos verbos, predominantemente, no pretérito perfeito (“fizeram”, “foi”, “aconteceu”, “veio”). Concordando com Lage (2001, p. 34), que afirma: “O sistema dos verbos que articulam a notícia e são centrais em sua formulação indica a principal característica deste gênero de proposições: o aspecto perfectivo”. Os fatos narrados estão apresentados pela ordem de importância dos acontecimentos, o discente manteve-se neutro, construindo um texto impessoal e a ocorrência dos fatos está dentro da vigência para ser considerado uma notícia.

Todavia, após a análise, vimos que o aluno D não foi objetivo e informou um aumento da passagem ocorrido há muito tempo, na seguinte frase: “a passagem era dois e vinte depois veio pra dois e cinquenta”, considerada uma informação desnecessária para ser noticiada. Além do mais, a resposta para o questionamento “como?”, que faz parte do *Lide*, se encontra deslocado, no 3º parágrafo. Isso pode ser explicado pelo fato de ele ter esquecido de comentar no início.

De modo geral, podemos afirmar que o aluno D obedeceu às características do gênero notícia, foi impessoal e manteve-se atento ao fator tempo da notícia.

Figura 5: “Estudantes da escola Maria Geny, Liceu Paraibano, e o IEP paralizaram o trânsito” (Aluno E)



A notícia da aluna E, mostrada na *Figura 5*, é de um fato ocorrido na manhã do dia anterior; certamente, essa notícia já foi publicada por outros jornais. Com isso, contraria o que afirma Benassi (2007 p.1793): “notícias têm valor jornalístico apenas quando acabaram de acontecer, ou quando não foram noticiadas previamente por nenhum veículo”.

No texto sob análise, constatamos informações relevantes em textos noticiosos, como a hora exata do início da manifestação (“Na manhã de ontem 07.10”) e do tempo em que o trânsito ficou parado (“pararam o trânsito por as horas e quarenta e cinco minutos”), sobretudo porque fazem com que o leitor sinta confiança nas declarações da

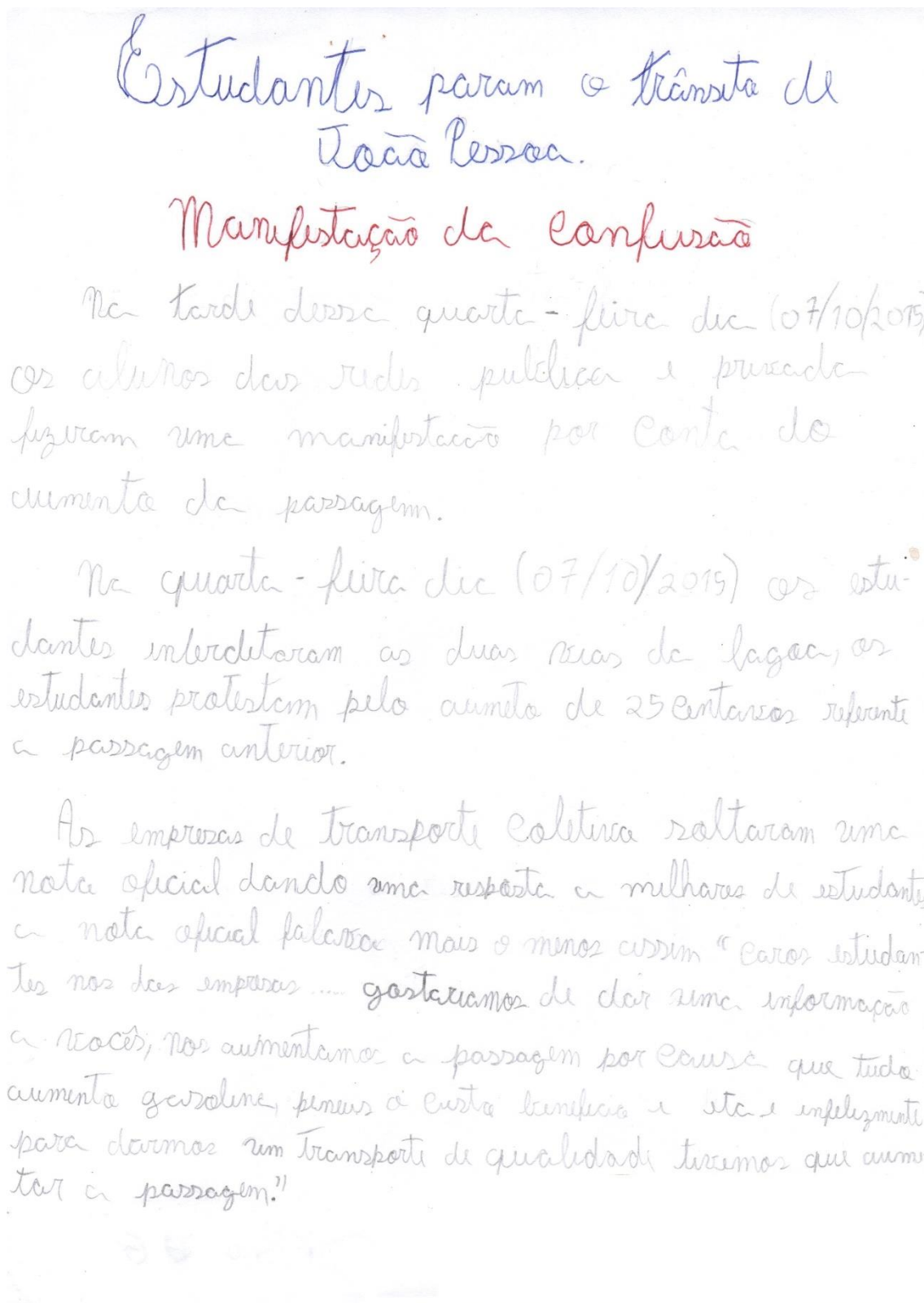
notícia e, portanto, dê a ela maior credibilidade. Entretanto, no 2º parágrafo, a aluna apresenta elementos desnecessários, como “*antes era de 2,45 e hoje é de 2,70*”, tendo em vista que ela já tinha dito que o aumento “*foi de 0,25*”.

Outro fator importante para a notícia em análise, é que a discente fez uma citação indireta, fortalecendo a ideia de credibilidade da notícia, visto no último parágrafo.

O *Lide* encontra-se nos parágrafos correspondentes, o texto ficou impessoal, os verbos estão conjugados, em sua maioria, no pretérito perfeito e os fatos narrados estão em ordem de importância, do maior para o menor, além da declaração indireta de uma pessoa importante com relação ao aumento da passagem.

Com a análise descrita acima, podemos inferir que a aluna **E** apresenta conhecimento sobre o gênero notícia impressa e que desvios, tais como o tempo e elementos irrelevantes, não descaracterizam o texto. Sendo assim, a aluna correspondeu à proposta do trabalho.

Figura 6: “Manifestação da confusão” (Aluno F)



No corpo da notícia produzida pelo aluno F, que utilizou uma linguagem objetiva, clara e direta, observamos que a maioria dos verbos empregados está de

acordo com o que Franceschini orienta, assim como a ordenação dos acontecimentos e a ausência de adjetivos. Vejamos:

Observa-se a ordenação dos fatos por sua importância, o uso da terceira pessoa, preferência por verbos no pretérito perfeito e a exclusão de adjetivos que não sejam absolutamente necessários, entre outras “regras” (FRANCESCHINI, 2004, p. 149).

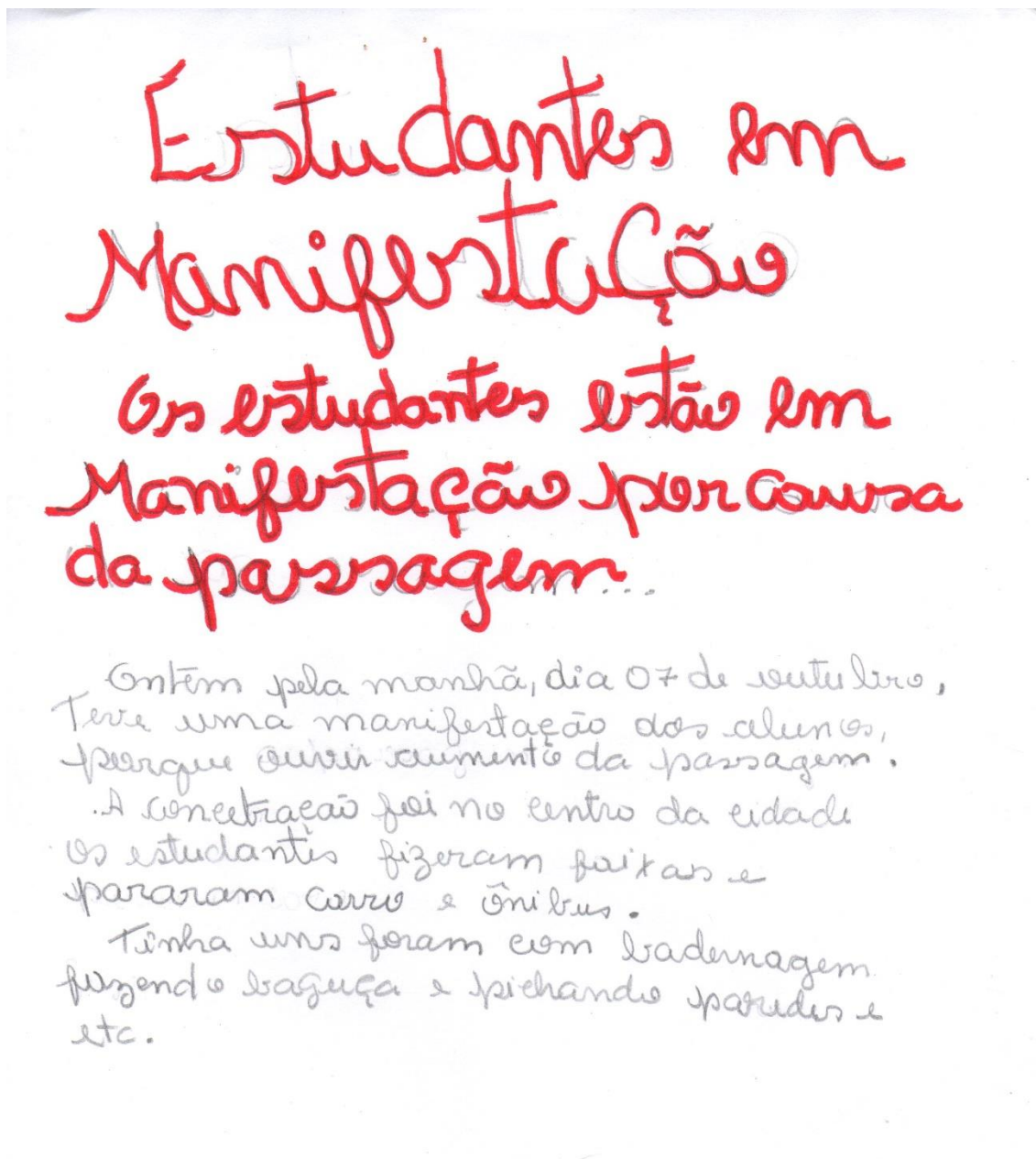
O texto incorpora as características do gênero notícia, apresentando o *Lide* nos primeiros parágrafos. O aluno F conseguiu responder a todos os questionamentos presentes no *Lide*. No 3º parágrafo, ele se utiliza de uma citação direta e transcreve a fala da fonte, dando ao texto uma credibilidade maior. Estando de acordo com Franceschini:

Na notícia, de acordo com a técnica predominante na grande imprensa, só quem opina é a fonte e o texto precisa deixar bem claro de quem é a opinião, para que aquele juízo de valor não seja entendido pelo leitor como uma interferência indevida do repórter ou do veículo (FRANCESCHINI, 2004, p. 149).

Porém na fala anterior à citação, o estudante comete um deslize na seguinte frase: “*uma resposta a milhares de estudantes a nota oficial falava mais ou menos assim*”, porque usa a expressão “*mais ou menos assim*”, deixando dúvida quanto à fala do representante da empresa de ônibus e não sendo claro quanto ao que vai dizer. Dessa forma, não consegue manter-se neutro, e a notícia perde a sua característica de impessoalidade.

Diante da análise feita no texto do aluno F, podemos deduzir que ele correspondeu aos objetivos da sequência didática, mesmo com um pequeno deslize, demonstrando, assim, conhecimento do gênero. Ele foi objetivo, utilizou os verbos no pretérito perfeito, compôs um texto, respeitando a ordem dos fatos, dos mais relevantes ao menos importantes, e não apresentou fatos desnecessários.

Aluna 7: “Os estudantes estão em manifestação por causa da passagem” (Aluno G)



O aluno G produz um texto claro, objetivo e direto, respeitando as características principais do gênero notícia. Os parágrafos são curtos e o *Lide* está presente nos dois primeiros parágrafos. Além disso, conjuga os verbos na terceira pessoa, como, por exemplo, “teve”, “tinha”, “fizeram”, “foram”, “pararam”.

O discente manteve-se neutro, no 1º e 2º parágrafos, dando ao texto um caráter de impessoalidade. Mesmo apresentando no último parágrafo marcas de pessoalidade, quando se referiu aos alunos que “foram com badernação fazendo baguça e pichando paredes”, acreditamos que ela não teve a intenção de julgar as atitudes dos manifestantes, apenas de descrevê-las.

Com relação ao tempo da notícia, a estudante afirma que o fato ocorreu “*ontem pela manhã*”. Provavelmente, já tenha sido noticiado e, por isso, é informação velha para o dia da publicação, a não ser que ela julgue que essa notícia seja inédita para o público ao qual está se dirigindo.

Segundo a teoria de Caregnatto e Costa-Hübes (2009),

normalmente a notícia discorre sobre um fato recente, inédito, objetivo, verdadeiro e de interesse do público, que passa por variação de tempo, ou seja, o que ontem foi importante, hoje poderá não ser”.

Nesse caso, sabendo que a notícia trata de um fato novo, a aluna deduziu que talvez a sua notícia seja inédita para as pessoas às quais ela está se dirigindo. Diante do exposto, inferimos que o texto da aluna correspondeu ao gênero solicitado.

Figura 8: “As passagens sobe para 2,70” (Aluno H)

ESTUDANTES VÃO AS RUAS
AS PASSAGENS SOBE PARA 2,70

Estudantes de várias escolas da Grande São
Paulo, fizeram ontem uma manifestação, para
reivindicar o aumento da passagem que sobe
para 2,70.

Com isso o trânsito foi interrompido em
tre de São Paulo, vários veículos ficaram
impedindo de tráfego.

Os alunos estão revoltados com esse
aumento absurdo que sobe, e pedem mais
um aumento para os próximos meses.

O secretário se opôs a falar sobre o aumen-
to, mas o subsecretário pronunciou e falou
sobre o aumento. “Esses aumentos e para me-
lhorias nos transportes e em todas as linhas
de ônibus” afirma o subsecretário.

Neste texto, a aluna H utiliza, adequadamente, o parágrafo responsável pelo *Lide*, apresentando as respostas às perguntas características dessa parte integrante da notícia. Os demais parágrafos relatam os acontecimentos que foram escolhidos e organizados de acordo com a ordem de importância dos fatos. Quanto à citação direta, está coerente com o que rege a teoria de Franceschini (2004), segundo a qual o texto tem que deixar claro quem é o autor da opinião citada, de maneira que não deixe dúvida de que o autor da notícia não está fazendo interferência no fato noticiado.

Os verbos utilizados na terceira pessoa dão ao texto um caráter de neutralidade. Porém, no fragmento “*aumento absurdo*”, a aluna transmite a sua opinião sobre o

aumento da passagem, justamente porque ela se utilizou do adjetivo “absurdo”, e o uso de adjetivos provoca essa quebra de neutralidade. Por isso, autores como Franceschini (op. cit.) orientam que não se utilizem adjetivos em textos noticiosos.

Podemos inferir, a partir da análise realizada no texto da aluna H, que ela alcançou os objetivos da sequência trabalhada, produzindo uma notícia, conforme as suas características e sua função social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias aqui abordadas deixaram claro que o estudo de gêneros textuais é de suma importância para o desenvolvimento crítico dos alunos. O conhecimento enriquece tanto a leitura quanto a escrita e fortalece a competência discursiva de cada um. Alguns professores de Língua Portuguesa deixam a desejar quando tendem a permanecer com um ensino sistemático baseado apenas na gramática normativa, e se restringem à mera utilização de sala de aula, quadro e caderno, sem lançar mão da biblioteca e de recursos tecnológicos, tais como: *data show*, vídeo, TV etc. Sendo assim, os alunos perdem o interesse rapidamente, contribuindo para o aumento do índice de evasão escolar.

A presente pesquisa demonstrou que um trabalho bem pautado em sequências didáticas pode transcender o que os alunos já sabem para o que eles podem aprender e transmitir, além de torná-los mais interessados nas aulas. Observamos, durante a sequência didática e nas produções analisadas, que os alunos conseguiram identificar o gênero notícia, bem como a função social que esse gênero adquire. A maioria dos alunos desenvolveu seus textos de forma consciente, com autonomia e com interesse.

Constatamos que, das 08 (oito) produções analisadas, 02 (dois) alunos não atenderam ao gênero solicitado. Fizeram julgamentos e emitiram a sua opinião, o que não é permitido na construção de uma notícia, talvez por falta de atenção à solicitação da proposta e, portanto, produziu a notícia de acordo com os seus interesses sobre o tema.

Outros 02 (dois) textos demonstraram que, apesar de os alunos não se manterem neutros no texto, corresponderam, portanto, ao gênero notícia. Com relação ao fator *impessoalidade*, evidenciamos que 04 (quatro) discentes conseguiram realizar o gênero exigido, sem opinar ou julgar. De acordo com Franceschini (2004), o leitor só confiará que a notícia é verdadeira se o acontecimento for noticiado sem interferência do autor, como podemos ver na passagem abaixo:

Dentre todos os gêneros jornalísticos, a notícia é o que mais usufrui da aura de imparcialidade que leva o leitor a aceitar, a priori, aquele relato dos fatos como verdadeiro e isento. É principalmente em torno dela que foi construído

o mito da objetividade, responsável pela enorme acolhida e o potencial de convencimento que o jornalismo tem (FRANCESCHINI, 2004, p. 148).

O gênero notícia até hoje é visto como um dos textos que deveriam ser isentos de subjetividade. Pelo exposto pelo autor acima, fica patente que quem escreve é autor de sua obra. Por conseguinte, não há um texto totalmente impessoal. Dessa forma, os textos analisados, em maior ou menor grau, revelam a subjetividade dos autores nas notícias redigidas, pondo por terra o mito da objetividade a que Franceschini (op. cit.) faz alusão.

De modo geral, podemos afirmar que 06 (seis) alunos apresentaram conhecimento sobre o gênero notícia impressa, mesmo havendo alguns desvios da proposta solicitada, como, por exemplo, a descrição de fatos anteriores ao acontecimento e desvios na composição do gênero. Além disso, utilizaram os verbos, predominantemente, no pretérito perfeito, caracterizando o aspecto perfectivo, típico da notícia. O *Lide* encontra-se nos parágrafos correspondentes, o texto ficou impessoal e os fatos narrados estão em ordem de importância, do maior para o menor, além de declarações diretas e indiretas de pessoas importante com relação ao aumento da passagem.

Podemos inferir, a partir das análises realizadas, que alguns dos alunos atenderam aos objetivos da sequência trabalhada, produzindo uma notícia, conforme as suas características e sua função social.

Destacamos a relevância do PIBID Letras-Português para a iniciação à docência, por meio das intervenções realizadas em sala de aula da escola pública, permitindo ao bolsista vivenciar seus desafios constantes. Nesse sentido, o Programa contribuiu, de forma decisiva, para a efetivação de alternativas metodológicas para o ensino da língua portuguesa, principalmente no tocante ao ensino de leitura e de produção de textos do gênero notícia, objeto de estudo deste trabalho.

Por fim, esperamos que este trabalho contribua para uma reflexão sobre a prática docente, quanto ao ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Assim, mais do que o estudo classificatório de estruturas gramaticais, é necessário desenvolver habilidades de leitura e escrita, por meio da utilização de gêneros textuais que permeiam o cotidiano dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção Trabalhando com... na escola)

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. **O gênero “notícia”**: uma proposta de análise e intervenção. CELLI–Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, v. 3, p. 1791-1799, 2007

BONACIN, Ligiane Aparecida. **Estudando os gêneros da esfera jornalística através da metodologia da sequência didática**. In: X SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS - Estudos Linguísticos e Literários. 2013. Anais... UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2013. ISSN – 18089216. P. 247 – 265.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Linguagens, códigos suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006. (vol. 1).

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Língua Portuguesa: 3º e 4º ciclos. Brasília: Secretaria do Ensino Fundamental, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Referenciais Curriculares Nacionais Ensino Médio da Paraíba**. Brasília: MEC.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.

CAREGNATTO, Marione Fátima Picini; COSTA-HUBES, T. C. **Uma reflexão sobre o gênero notícia impressa: trabalhando com sequência didática a partir da construção de um modelo didático de gênero**. Seminário do CELLIP, v. 9, 2009.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição UNIOESTE; FEDUMENTI, Tatiana Fasolo Bilhar. **Notícia e reportagem: semelhanças e diferenças entre gêneros da esfera jornalística**. II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: *Diversidade, Ensino e Linguagem*. 2010.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

EDITAL Nº 001/2011/CAPES. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. **Detalhamento do Subprojeto Letras – Língua Portuguesa.** Paraíba

FRANCESCHINI, Felipe. **Notícia e reportagem: sutis diferenças.** Comum, Rio de Janeiro, 2004, p. 144-155

Jornal da Paraíba. Período de setembro a outubro, 2015.

LAGE, N. L. **Estrutura da Notícia.** 1.ed. São Paulo: Ática, 2011. – (Princípios; v.29).

LAGE, N. L. **Ideologia e técnica da notícia - 3A. EDIÇÃO REVISTA.** 3a. ed. Florianópolis: Insular-Edufsc, 2001.

LARA, Justina de. **Os gêneros jornalísticos com conteúdo informativo (a Notícia, a reportagem e a entrevista) nas aulas de língua Portuguesa: desvelando a linguagem pretensamente neutra.** 2011.

LOPES-ROSSI, Maria A. G. **O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de gêneros discursivos.** In: Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos/ org. Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi. - Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade.** In: DIONISIO, Ângela Paiva et al. (Org.) Gêneros Textuais e Ensino, 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos: repensando a questão.** In: Revista Symposium, Ano. 2001. p. 45-55.

ANEXOS

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PIBID/CAPES/UFPB

Projeto: **A Licenciatura, o Ensino Médio e a Formação do Professor**
SUBPROJETO PIBID Letras - Português 2017

CEPES - JP3

c/ E. F. M. Profº Luiz Gonzaga de A.
Av. Mons. Walfredo Leal, 440 Tamb
CEP: 58020-540 João Pessoa-PE
-ones: (83) 3218-5722 (83) 3241-
CÓDIGO ESCOLAR: 25094050

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Maria Berenice Elgizac dos Santos,
autorizo o uso do nome da Escola Estadual de Ensino Fundamental e
Médio Professor Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity para o Projeto de
Pesquisa, com fins acadêmicos, da aluna e ex-bolsista PIBID Letras-
Português, TAYNAN CÂMARA DO NASCIMENTO, Graduanda do 13º.
período do Curso de Licenciatura Plena em Letras (Língua Portuguesa)
da Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa, 31 de outubro de 2017.

Maria Berenice Elgizac dos Santos
DIRETOR DA ESCOLA

Maria Berenice E. dos Santos

ANEXO II

Texto utilizado na 7ª aula do IV Momento da SD

Câmara aprova redução da maioria penal

Diminuição de 18 para 16 anos será válida para crimes hediondos e homicídios dolosos

Da Folhapress

O plenário da Câmara dos Deputados aprovou em segundo turno a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que reduz a maioria penal de 18 para 16 anos na noite de ontem.

A PEC foi aprovada com 320 votos a favor, 152 contra e uma abstenção. Na votação em primeiro turno foram 323 votos a favor e 155 contra a redução da maioria. O texto segue para o Senado.

De acordo com o texto aprovado em primeiro turno, a maioria será reduzida nos casos de crimes hediondos – como estupro e latrocínio – e também para homicídio doloso e lesão corporal seguida de morte.

Pela emenda aprovada, os jovens de 16 e 17 anos deverão cumprir a pena em estabelecimento separado dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas e dos maiores de 18 anos.

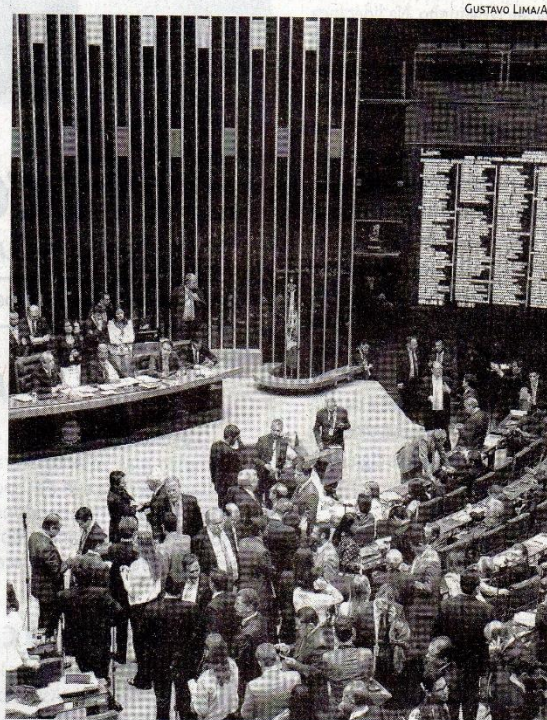
A sessão demorou para co-

meçar porque os deputados contrários à proposta tentaram não marcar presença para adiar a votação por falta de quórum qualificado. Na mesma linha de obstrução, os deputados contra a proposta pediram a retirada da matéria da pauta, negada pela plenária.

A votação teve início às 20h25 e, após uma hora, líderes de partidos contrários à aprovação da PEC, como Alessandro Molon (PT-RJ) e Jandira Feghali (PCdoB - RJ), pediram a Eduardo Cunha o encerramento da votação. O presidente, no entanto, garantiu que a votação seria encerrada apenas após o cumprimento do quórum necessário (308 votos).

Em nota divulgada na noite de ontem pelo Ministério da Justiça, o ministro José Eduardo Cardozo reiterou sua posição contrária à PEC e destacou que a medida não vai diminuir a criminalidade.

"A redução da maioria penal é para nós algo insustentável. Caso isso seja aprovado nós teremos um erro jurídico,



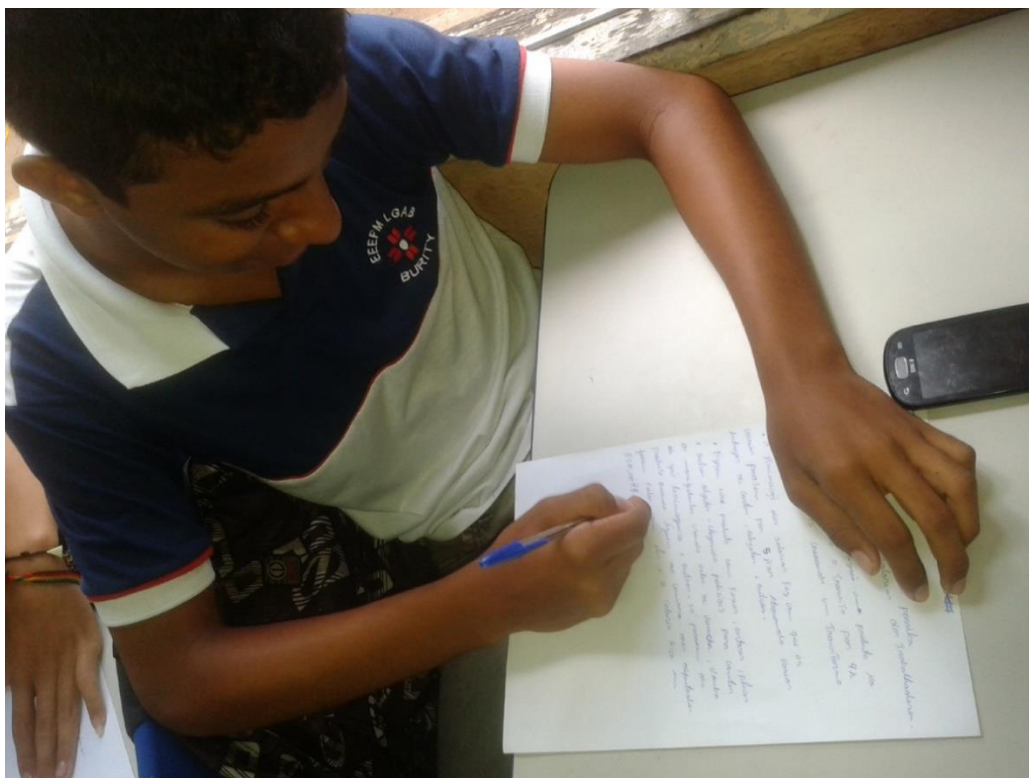
EM 2º TURNO. Deputados federais aprovam PEC que segue para o Senado

um erro do ponto de vista dos estudos científicos e um colapso no sistema prisional. Estaremos gerando mais violência e ferindo a nossa Constituição.

Não podemos ser favoráveis a uma medida que trará enorme dano à segurança pública de todos os brasileiros", afirma o ministro.

APÊNDICE

Alunos desenvolvendo a produção textual do gênero notícia



Discentes explorando o jornal em busca da identificação de notícias



Analizando as características da notícia

